

BRASIL-PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO DE 1902

N.º 94

As festas de 15 de novembro no Rio de Janeiro



O Palácio do Cattete

Residência do Presidente da Republic dos Estados Unidos no Brasil, no dia da posse do Dr. Rodrigues Alves, a 15-11-902.

As festas commemorando o anniversario da proclamação da Republica, juntou-se este anno, no Rio de Janeiro, a festa da posse do novo presidente, o sr. de Rodrigues Alves.

A primeira das nossas gravuras representa o palacio do Cattete no proprio dia, 15 de novembro em que d'elle sahi o antigo presidente, para ceder o seu logar ao novo eleito. A objectiva photographica de graciosos collaboradores do *Brasil-Portugal* dá hoje o aspecto da praça em frente do palacio, tanto quando o deixou o dr. Campos Salles, como quando para elle entrou o dr. Rodrigues Alves, na volta do Senado onde

como manda a pragmatica prestou o compromisso de manter a constituição, perante o parlamento brasileiro.

As entras s. ex.^a na sala da sessão romperam grandes acclamações saudando-o. Em seguida, em companhia do ministro da guerra passou de carruagem revista a toda a divisão que desfilou para quartéis. Uma outra gravura dá o corpo de marinheiros desfilando por diante do palacio onde o dr. Campos Salles aguardava o seu successor a quem cumprimentou dizendo:

— Sr. presidente, faço votos para que tenhaes um governo feliz e prospero para hora do vosso nome e gloria da nação.

Seguiu-se a recepção a todo o corpo diplomatico trocando-se com o coronel Page Bryan, ministro americano, os seguintes discursos em francez.

Do ministro:

«Sr. presidente.— Os membros do corpo diplomatico, acreditados junto ao governo do Brasil, vêm, n'este anniversario tão prezado na sua historia, desejar a v. ex.^a o successo mais completo na execução da gloriosa tarefa que lhe está confiada.

Almejamos para este vasto paiz uma prosperidade crescente na administração sábia de v. ex.^a, a quem desejamos ao mesmo tempo toda a felicidade pessoal.

Aquelles, dentre nós, que têm a boa fortuna de assistir á investidura de v. ex.^a, acompanharão com interesse e sympathia sinceros, o desenvolvimento continuo do Brasil, desenvolvimento que esperamos satisfará as ambições mais brilhantes de um povo tão altamente dotado, assim como o desejo ardente de v. ex.^a por esta grande Republica.

Os representantes dos paizes, aqui presentes, fazem votos para que o poder de que vos achais investido seja exercido de tal modo que possa assegurar a paz e a prosperidade permanente da Nação.»

Resposta do presidente:

«Sr. ministro — Recebo com viva satisfação as delicadas expressões de sympathia que os srs. membros do corpo diplomatico, acreditados n'esta Republica, me dirigem no memoravel dia de hoje, e agradeço o sincero interesse que manifestam pela prosperidade da minha administração no governo que assumo, em obediencia á vontade dos meus concidadãos.

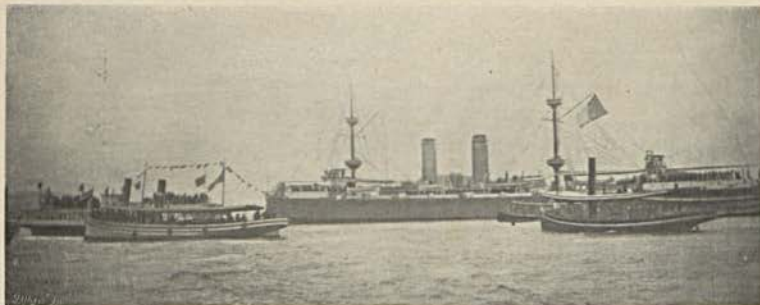
Hei de fazer quanto em mim couber para conservar inalteráveis as relações de cordial amizade que, felizmente, existem entre os nossos países, e para esse desideratum espero não me faltará o eficaz concurso dos representantes diplomaticos aqui presentes.

Agradeço-lhes, em extremo penhorado, a sua presença n'esta solemnidade e retribuo os votos que fazem



Phot. sen. J. F. Vianna.

Embarque no largo do Paço á chegada do D. Carlos — á esquerda — a lancha de Beneficencia Portuguesa.



seus ministros. E como ao Brasil, a todas as suas festas como a todos os seus infortunios se associa sempre a nação portuguesa, irmã mais velha, reproduzimos aqui alguns aspectos da bahia do Rio de Janeiro, na occasião de entrar a barra o nosso cruzador D. Car-

Phot. Trancoso Bastos.

O Cruzador D. Carlos em marcha, cercado pela flotilha que o foi esperar á entrada da barra.

pela paz e prosperidade do Brasil e pela minha felicidade pessoal.

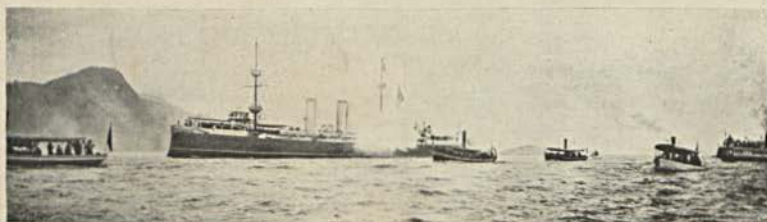
Foram depois recebidos: o corpo consular representado pelo consul da Hollanda, officialidade da guarda nacional, representantes do exercito da marinha, da justiça, de um sem numero de Associações, alto functionalismo, etc.

Para celebrar condignamente esta festa, o ultimo documento official fir-



Phot. sen. J. F. Vianna.

A bordo da lancha de Beneficencia Portuguesa; tirando photographias.



los enviado pelo governo portuguez para assistir ás festas de 15 de novembro.



Phot. Telavira Bastos.

O D. Carlos, salcando a terra

mado pelo sr. dr. Campos Salles, foi o dos perdões.

Do palacio do Cattete damos ainda uma vista dos magnificos jardins, uma ponte ali recentemente construida, e a sala onde o presidente da Republica costuma reunir os



Phot. Telavira Bastos.

O cruzador a caminho do ancoradouro

Uma verdade

Dizem os fabulistas que a verdade sahia nua de um poço; pois esta vai sair de um tumulo e tão ben ataviada quanto eu possa, porque a nudez é attentatoria dos bons costumes.

E assim se prova que os fabulistas nem sempre tinham razão, e que não ha regra sem excepções.

Aqui está outra!

Eu que me preso de respeitar a verdade, tanto como aquelle celebre Epaminondas *alco veritatis diligens, ut ne joco quidem mentitur*, como diz o meu Cornelio; eu que tinha pretensões a rivalisar com o theban, se não na austeridade dos costumes e no estoicismo da morte, pelo menos na aversão á mentira, eu que queria ir para a cova de palmito e capella, na virgindade d'este feio peccado, eu menti, sem querer, o que é muito, e, o que merito mais é, arrastei comigo a memoria veneranda e immaculada de Pinheiro Chagas.

Foi o caso que, escrevendo no campo a maior parte do meu capitulo *Eu e as notabilidades litterarias*, sem um livro de consulta, sem um jornal, sem uma indicação chronologica, sem um confidente sequer que me podesse tirar uma duvida ou dissipar uma hesitação da minha memoria, em que confiei demasiado, não sei por que reminiscencia mal distincta ou falsa idéa preconcebida attribui ao grande escriptor e eloquentissimo tribuno a iniciativa da idéa do monumento a Julio Cesar Machado e o papel preponderante na sua realisação.

Que uma vez conversámos sobre o assumpto e que Pinheiro Chagas me testemunhou a sua grande satisfação por ver erguido o mausoleo votivo á memoria do amigo e compadre, por elle tão estimado em vida e tão deplorado no tragico fim, isso não soffre duvida alguma para o meu espirito; mas que das suas palavras, mal interpretadas, nasceu o erro do facto, tambem é incontestavel, porque Pinheiro Chagas nunca teve peito para galta a adormar-se de penhas de pavão; antes, ao contrario, na modestia que lhe foi caracteristica, exaltava tanto os actos alheios, como deixava na sombra os seus proprios.

Não houve, por conseguinte, mais do que um lapso de attenção da minha parte, ou quem sabe se, no longo decorrer dos annos e no desvairemento por tantos assumptos que me preoccupam, uma elaboração de espirito, recta e logica, assentando em principios falsos, e dando em resultado uma idéa falsissima.

Não rectificaria, pelo que me diz respeito, o erro, se n'elle se não envolvesse responsabilidade de caracter tão austero na verdade e tão primoroso na lealdade a todos; mas pois que fui eu quem involuntariamente citei falso, a mim me cumpre fazer penitencia publica, e rectificar o erro de facto.

Quando Julio Machado, oppresso pela dor de perder o filho querido, deliberou seguir-o na morte voluntaria e realisou fô funesto intento, entre todos quantos a tragedia profundamente commoven, nenhum mais funda sentiu a dor do que Paulo Plantier, amigo dedicadissimo do desvaireado escriptor e um dos mais fervorosos admiradores dos seus escriptos, tanto como pelas qualidades do seu caracter que por todos era admirado, sem excepção.

D'aqui a idéa do monumento, nascida no cerebro de Plantier, que foi á redacção do *Correio da Manhã* conferenciar com Pinheiro Chagas sobre os meios da sua execução pratica.

Corria o anno de 1891 e estava recente o grande acontecimento do ultimatum, perturbando toda a vida social e absorvendo todas as attentões.



Phot. am. H. Roselli.

Sala de desjacho no Palacio do Cattede

Pinheiro Chagas, como homem de letras e amigo do morto, achou magnifico o pensamento, como politico, arreceou-se do exito da tentativa em tão dolorosa conjunctura.

Estimularam-se os brios da nobilissima amizade, e Plantier insistiu que o seu plano se realisaria, embora exclusivamente a expensas suas, encontrando logo em Alfredo Ribeiro um socio para esta decisão.

Pinheiro Chagas cooperou de boa vontade, toda a redacção do *Correio da Manhã*, então ninho de bellas vocações litterarias, o coadjuvou, a sym-

pathia que esse escriptor despretençioso e elegante sobebara conquistar, realçada pelo epilogo triste d'essa vida que parecia fadada para a alegria, fô o milagre, os fundos accorream, e Pinheiro Chagas teve o prazer de ver levantado o monumento á memoria do padrinho de seu filho mais velho.

Eis a simples e despretençiosa verdade sobre o caso, e com ella se corrige um erro de historia e se prova que Paulo Plantier não sabe só cultivar as mais esplendidas rosas, mas o cultivo tambem, com equal primor, os mais levantados e nobres affectos do coração.

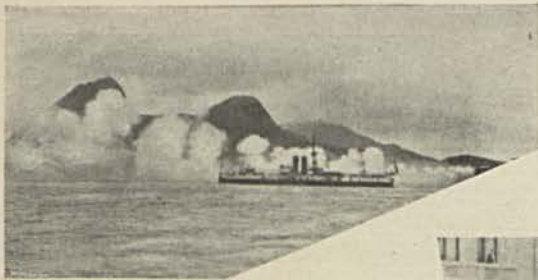
A. M. da Cunha Rollem.



Phot. am. H. Roselli.

O Jardim do Palacio do Cattede

As festas de 15 de Novembro



Photo, Teixeira Bastos
O Rio de Janeiro precedendo o D. Carlos na entrada da bahia do Rio de Janeiro Salvas na fortaleza de Santa Cruz.



Prof. am. J. Orsiolo
O desfile das tropas de marinha em frente do Palácio do Catete, finda a cerimonia da posse do novo presidente a 15-11-902



Photo, am. J. Orsiolo -
Chegada do Dr. Rodrigues Alves ao palácio presidencial



Photo, Teixeira Bastos
O cruzador portuguez entrando a barra



Photo, Teixeira Bastos

O D. Carlos pairando



Photo, de Vianna de Saes
O D. Carlos no ancoradouro



Photo, am. J. Orsiolo
Saída do Dr. Campos Salles do Palácio do Catete



Photo, Teixeira Bastos

O cruzador na bahia do Rio de Janeiro



Photo, am. J. F. Vianna

O embarque no cais de Tharvoe



Photo, am. H. Russell

Ponte recentemente construída no Palácio do Catete (Praia do Flamengo). Ao fundo o Pão de Açúcar

Política Internacional

De todas as nações da actualidade não ha nenhuma cuja historia seja mais extraordinaria do que a do Japão. Ainda ha meio seculo o imperio do Mikado era um paiz semi-barbaro, sem nada que o distinguisse das demais nações asiaticas. A sua cultura era a chinesa, mas menos intensa de que na terra onde ella tinha o seu berço, e além d'isso muito menos original e pura, por se achar misturada com elementos indigenas, que a desnaturalavam, abastardando-a. O Japão era um meio arremedo da China, com todos os defeitos do seu preceptor, e sem as qualidades, que davam á nação chinesa um feitiço tão característico. Parecia, pois, que em condições sensivelmente identicas, mas muito mais desfavoraveis, o Japão povoado como a China por gente de raça amarella, continuaria a vegetar na immobillidade, que é em toda a Asia a feição dominante das civilisações mongolicas. Não aconteceu, porém, assim. O Japão não só progrediu de um salto, collocando-se ao fim de alguns annos apenas á frente de todas as nações asiaticas, senão que axamillou finalmente os mais complicados processos da vida publica europea. E' na politica onde esta assimilação se torna mais maravilhosa. De estado semi-barbaro e feudal, o Japão converteu-se em um paiz constitucional e parlamentar. Tem as suas camaras, que não funcionam per do que muitas da nossa Europa; tem os seus partidos politicos, que, como os do Occidente, aspiram a representar papel preponderante na governação publica; tem os seus gabinetes tão responsaveis como os da velha Europa; tem as suas eleições tão genuinas como as de todos os paizes que fazem entre nós; tem as suas crises ministeriaes pouco mais ou menos originadas e resolvidas como tambem nós as temos. Sob este ponto de vista não ha grande differença entre o extremo Oriente e os paizes do Occidente...

Em agosto ultimo realisaram-se em todo o Japão as novas eleições para a camara baixa, já pela lei que recentemente modificou as circumscripções electoraes. A anterior camara compunha-se de 300 membros, a eleita agora conta 376. Os diferentes partidos ficaram numericamente representados pela seguinte fórma: Seiyukai, que antes tinha 155 deputados, passou a ter 199; Kenseihonto, que tinha 72, tem agora 100; Teikokuto tinha 13, e actualmente 19; Sanshi Kurabu que se compunha de 30, ficou apenas com 6; Churitsu que tinha 30, passou a ter 52. Os dois partidos mais importantes, o Seiyukai (constitucional) e o Kenseihonto (progressista), que afinal emquanto a principio pouco se distinguiram, foram os primeiros a fazerem a proposta com a reforma. Os grupos numericamente menos importantes vêem-se forçados a gravitar como satellites em torno de um dos dois grandes partidos organizados. E o que aconteceu com os partidos dá-se exactamente com os respectivos chefes. Toda a força politica se concentra em tres ou quatro personalidades em evidencia, que resumem em si todos os elementos de governo. Os vultos de segunda e terceira ordem só á sombra d'essas influencias podem abrir caminho.

Como chefe de partido depára-se-nos em primeiro logar o conde Okuma, leader dos progressistas, homem muito habil, muito illustrado e muito conhecedor do meio politico, em que vive. E' actualmente o mais genuino representante do governo parlamentar. De maior prestigio, porém, e de força mais efectiva, porque dispõe da confiança politica e da amizade pessoal do imperador, é o Marquez Ito, bem conhecido na Europa, sobretudo depois da sua ultima viagem, e da alliança anglo-japonesa, que é obra sua. O Marquez Ito pôde ser considerado sem duvida alguma como o primeiro estadista do Japão contemporaneo. Tem sido por mais de uma vez ministro, succedendo na presidencia do conselho ao conde Okuma e sendo por seu turno succedido por elle n'este posto. Os seus recursos politicos ainda sobre elle augmental-os fundindo o seu grupo com o partido que tem por chefe o conde Itagaki, homem de grande autoridade moral pela pureza de caracter e pela dignidade de proceder. Foi d'esta alliança que nasceu o actual partido constitucional, de que seria hoje chefe indubitavel o mallogrado Hoshi Toru, assassinado, conforme é sabido, ha poucos annos nas mais tragicas circumstancias. Hoshi Toru pôde ser classificado senão como um corrupto, pelo menos como um corruptor sem escrúpulos. Sob o ponto de vista moral constitue completo contraste com o conde Itagaki. Da primeira e ultima vez que foi ministro, sob a presidencia do Marquez Ito, foi tal a ceulema que levantaram os seus accusos ao cabo apenas de algumas semanas. No entanto e apesar de tudo, o seu talento e illustração, a sua energia indomavel e o conhecimento que tinha dos homens e das coisas do seu paiz, faziam d'elle uma radiosa esperança politica para a herculea tarefa de nova transformação, que na vida publica japonesa se está impiosamente fazendo sentir. Se o punhal de um fanatico não o tivesse prostrado, quando a sua verdadeira carreira de homem de estado la accorria, não ha duvidas de que seria elle actualmente o arbitro da situação, e do que á indispensabilidade do Marquez de Ito não se teria affirmado de modo tão evidente. E' por isso que a grande maioria do Japão considera hoje a morte de Hoshi Toru como uma perda nacional. Com elle desapareceu da scena politica japonesa a esperança mais prometteadora...

Até que ponto as eleições, que acabam de realizar-se, affectarão a estabilidade do actual ministro Katsura? Ao contrario dos rumores espalhados pela opposição de uma proxima crise ministerial, parece que o presente gabinete ainda continuará por algum tempo, por

E' verdade que o Marquez Ito com o distincto financeiro e seu collaborador Inuye, dispõe, além da amizade e da confiança do imperador, do apoio na camara baixa do partido Seiyukai e de uma fracção do Churitsu ou independente. Mas tambem é certo que o general Katsura conta pela sua parte com o apoio do poderoso Marquez Yamagata, que domina, graças ao seu grande prestigio militar, na camara alta. De modo que as forças de um e outro lado parecem equilibrar-se. A posição entretanto do Marquez Ito em frente do governo e a despeito dos recursos com que conta, está longe de ser desahogada, por isso que não pôde atacar o gabinete nas duas questões capitais da sua gerencia — o tratado de alliança com a Inglaterra e o projecto de augmento da esquadra. Em quanto ao tratado anglo-japonez, tem de approval-não, não só porque foi recebido com enthusiasmo pelo paiz, senão ainda porque em grande parte foi obra sua, por ter sido o principal negociador d'elle. A respeito do augmento da esquadra tambem o Marquez Ito se sente embaraçado para atacar o governo por tal motivo. E' essa uma das questões, que importando á defesa nacional, e portanto á grandeza e ao futuro do paiz, são sagradas para todos os homens publicos japonezes, que não commetteriam o erro imperdoavel de fazer d'ella theme de aggressões partidarias. De modo que restam apenas para combater o governo questões d'ordem secundaria, que não conseguirão decerto agitar profundamente o paiz e apaixonar a opinião. E' por isso que o ministro Katsura, apesar da alliança que recentemente conseguiu com o Marquez Ito, se vê entre os diferentes agrupamentos politicos, parece dever contar ainda com larga vida. Isto, já se vê, no caso de não surgir qualquer incidente inesperado, na politica do extremo Oriente, tão cheia de surpresas, e que hoje é um dos mais importantes factores da vida publica do Japão.

Mais cedo mesmo do que nós o tinhamos previsto na nossa anterior revista, surgiu a nova crise ministerial, que teve como consequencia a queda do governo havia poucos dias reconstituída, e o definitivo afastamento do partido liberal do poder. Estão outra vez governando os conservadores, mais por virtude da desorganisação do partido do sr. Sagata do que por força propria. Foram as dissertações entre os moreistas e os partidarios de Canalejas, que preparam o terreno á actual situação, e tão desacreditado e falto de prestigio estava o agrupamento politico presidido pelo sr. Sagata, que o sr. Canalejas publico (quem tal o diria?) recebeu com relativo favor a nomeação do sr. Sagata. De resto o que a Hespanha tem a esperar do ministerio conservador já nós o dissemos na anterior revista. Todas as complicações actuaes agravadas, novas difficuldades a surgir pela propria força das circumstancias, é um tempo precioso perdido para a reconstituição economica e social da nação. Este será o balanço da situação, e n'este momento de governo o paiz vive em balanço maximo, senão completamente provavel pelo menos muito possivel dados os conhecidos elementos da politica hespanhola, pôde ser muito mais desastroso...

O governo do sr. Silvela, apesar de conservador e clerical, apresenta a curiosa particularidade de que os vultos principaes, que o caracterizam, a começar pelo proprio chefe, não são conservadores orthodoxos. O presidente, conforme se sabe, foi ainda em tempo de Canovas um dissidente do conservantismo. Maura é um antigo liberal, dissidente do partido do sr. Sagata. Abarzuza é um antigo amigo de Castelar, dissidente do partido republicano. De modo que o actual conservador é constituído por individuos das mais heterocliticas proveniencias politicas, amalgamados na mesma situação politica não se sabe bem por que extranho milagre.

Ninguém cairá pois na illusão de suppor que um gabinete assim constituído tem elementos sufficientemente possantes para a herculea empresa da reconstituição da Hespanha. Quando seja necessario firmar os curraes de Angias, cada qual, lembrando-se da sua proveniencia, procurará acima de tudo contemporisar com os novos interesses, em opposição com as antigas predilecções. Isto não tendo em vista o que a experiencia do ultimo ministerio conservador tão claramente patenteou a respeito da capacidade politica do herdeiro do fallecido Canovas.

Por estas razões consideramos o despecho da ultima crise politica hespanhola como uma pura perda de tempo, que tão precioso era para a urgente regeneração do paiz vizinho. Uma pura perda de tempo, na mais favoravel das hypotheses...

Da America chegam-nos noticias do conflicto que rebentou entre a republica da Venezuela e a Inglaterra e a Alemanha, por causa de algumas reclamações não satisfeitas pelo presidente Castro. A questão passou já do dominio da diplomacia e das notas mais ou menos comminatorias para as vias de facto, pois que, segundo os ultimos telegrammas, a esquadra da Venezuela acaba de ser destruída pelos navios ingleses e allemes, sendo ao mesmo tempo em virtude do bombardeamento arrazadas as fortificações de Puerto Cabello. Em vez, porém, de se acobardar, o presidente Castro contando com a unanimidade do paiz, prepara-se para resistir. Qual será o fim d'este inesperado incidente? E qual será perante um provavel agravamento d'elle a attitude dos Estados Unidos?

THEATRO D. AMELIA

O almoço oferecido a M.^l BARTET no JARDIM DE INVERNO d'este theatro, por occasião de se collocar no FOYER a lapide commemorativa da sua estada em Lisboa



Manuel Pentado, Augusto Pina, Dr. Zeferino Candido, Accacio de Paiva, Henrique de Vasconcellos, Visconde de S. Luiz de Braga, Freitas Brito, Luiz Galhardo, Antonio Manuel, M.^l Bartet, Jayme Victor, Magalhães Lima, Du Bargo, Manuel Cardia, Celestino da Silva, João Rato, actor Tabora, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, Visconde de S. Boaventura, Antonio Ramos, Fernando Reis

O Vaticano artistico

Do Corso a S. Pedro

Ainda não fatigados de arte, que é a grande sensação que ao fim se traz de Roma, tomámos uma manhã uma *botte* de praça e mandámos bater para S. Pedro.

Bater para S. Pedro é deixar o Corso e entrar no Vaticano. É abandonar a margem esquerda do Tibre, pela direita. É trocar a Roma leiga pela Roma religiosa. É sair do reino de Victor Manuel para entrar no de Leão XIII.

A *botte* corre, cadenciada e mandriona, por bécicos, travessas e ruellas, eguias como enguas, e tristes como a noite. É todo o coração de Roma que se atravessa, o antigo *Campo de Marte*, onde as ruas conservam um cubo especial de bairro pobre e coalhado de gente, com *étalages* até ao meio do leito, roupa a secar, homens que apregõem, garotos sebentos a correr de um lado para o outro, descomposturas de mulheres e de cocheiros, cheiro a peixe frito, soldados, lama, beatas, commercio miúdo — a antiga Suburra vestida à moderna!...

O nosso cocheiro faz estalar o chicote e descompõe todos os transeuntes. E a *botte* chega à margem do rio, onde toma a ponte de Santo Angelo, que termina na outra margem em frente do celebre e redondo castello de Santo Angelo, onde se passa o ultimo acto da *Tosca*.

Atravessado o Burgo Velho, no mesmo genero do Campo de Marte, o cocheiro volta-se, amavel, na boleia, e diz-nos, de chapéu na mão:

— San Pietro!

Por mais que se tenha visto em gravuras a celebre praça de S. Pedro de Roma; por melhores que essas gravuras sejam; por mais suggestivas que pareçam as suas descrições d'ella, — nada é capaz de nos snster o *ah!* que o seu apparecimento repentino nos impõe ao espirito deslumbrado, embora o nosso grande critico Ramalho Ortigão diga, com graça e certa razão, que o portuguez nunca na sua vida diz *ah!*

Pois nós dissemos *ah!* quando a immensa praça oval se desenrolou diante de nós, quando de ambos os seus lados avançaram para nós, como que a abraçaram, as 284 altissimas columnas, que fazem as duas arcadas celebres, sobre as quaes Bernini, seu auctor, collocon 162 estatuas de santos, que se destacam sob o azul do ceu!

Nós dissemos *ah!* quando diante de nós se abriu essa praça, que é já de si uma obra de arte, um primor de harmonia, com as suas duas fontes lateraes, de Maderna, espadanando a agua em *aigrette* de prata; e com o seu obelisco central, trazido de Heliopolis por Caligula, no cimo do qual sorri uma cruz, que encerra, segundo dizem, um pedaço da cruz em que morreu o Divino Redemptor!

Nós dissemos *ah!* quando, ao fundo d'esse scenario, e digna d'elle, vimos elevar-se a basilica de S. Pedro, a maior do mundo, como um ballão de 132 metros e meio de altura que estivesse prestes a demandar o azul!

E a nossa admiração só terminou quando outra a veiu substituir, porque, subidos os degraus que conduzem ao portico, deixavamos para traz de nós o calor e o sol da praça, e entravamos na frescura e na sombra da igreja.

A igreja de S. Pedro, edificada sobre o tumulo do grande martyr, pode dizer-se que não tem data certa de nascença. Levantada primitivamente pelo imperador Constantino, foi depois destruida por terremotos, dezenas de vezes, reedificada, augmentada e transformada por imperadores e papas successivos. A que hoje se admira foi começada em 1506 por Bramante, continuada em 1514 por Raphael e Sangallo, em 1546 por Miguel Angelo, em 1564 por Trignole e Giacomo della Porta, e ainda n'ella subscreveram Maderna, Bernini e tantos outros. É

portanto, não a obra de um artista, mas uma subscrição da arte! Pode dizer-se como de resto de todo o Vaticano, que *toda* a Benesseça passou por ali e todos os seus grandes homens deixaram ligado o seu nome!

A primeira impressão que se sente é a do conjunto, uma impressão de esmagamento, como se as toneladas de marmore que ali estão nos caibsem sobre a cabeça.

O espirito que formulara uma impressão concreta e não pode. Só depois de muito tempo, e muito a meio, nós dissemos a nós proprios:

— Isto é grande de mais!

Não ha effectivamente melhor synthese para dar o kodak espiritual que se imprime dentro de nós, quando, da porta principal, vemos a igreja de S. Pedro no seu conjunto. Aquillo é grande de mais!

A nossos pés estende-se a nave central, de marmore e porphyro polidos, tão vasta, que n'ella poderiam trotar carragens como n'uma avenida. Corta-a quasi a meio um transepto dentro do qual caberiam inúmeras igrejas, das que nós chamamos grandes. No centro da cruz que fazem essas duas naves eleva-se um baldaquino em bronze donado do Pantheon, sob o qual está o altar-mór em que só o Papa diz missa, e esse baldaquino é tão alto como os arcos de triumpho em algumas capiteas. Mas sobre elle, a perder-se no espaço, eleva-se a cupula. E elle chega a parecer pequeno!

A cupula tem, como dissemos, 132 metros e meio de altura e é terminada por uma esphera onde cabem 16 pessoas. A sua circumferencia é de 192 metros. Do alto da cupula a vista é soberba. Alcança-se com o



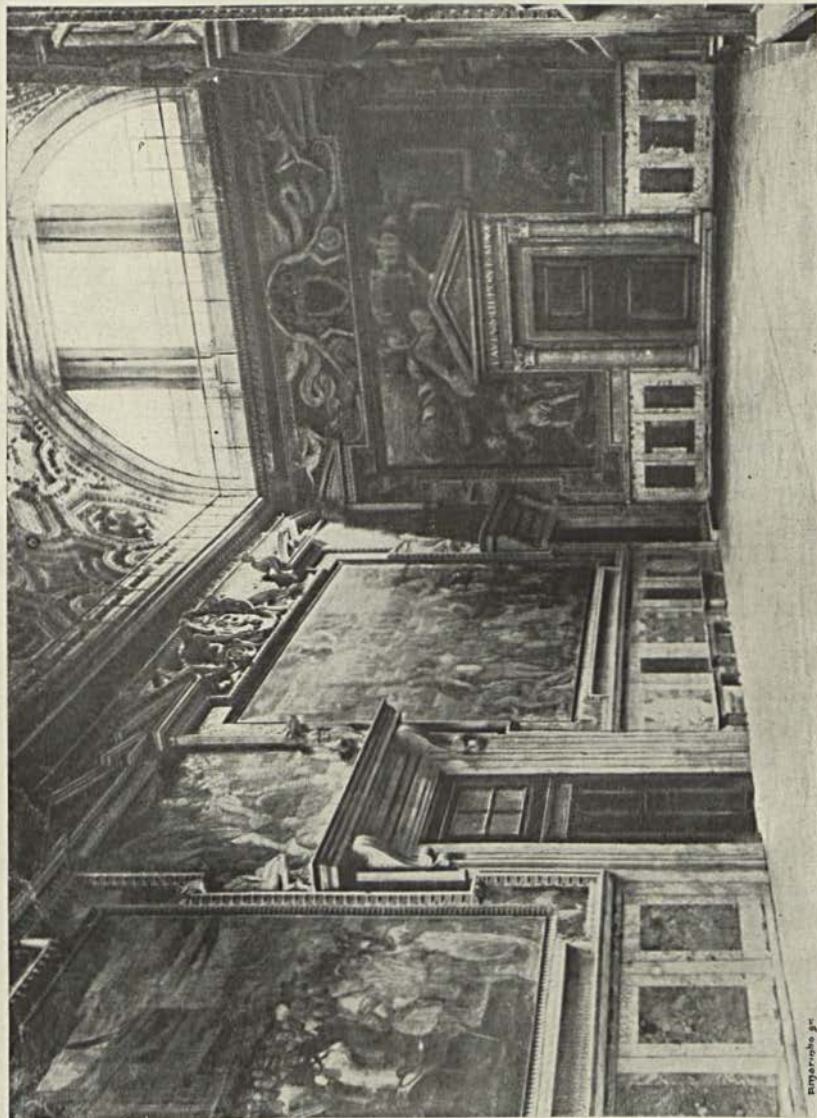
VATICANO — A escada régia

olhar Roma inteira, toda a vasta campina romana, as montanhas e o mar.

O interior da cúpula é trabalhado por Bernini, Mocchi, Duquesnoy e d'Arpin. Estão ahí as estatuas de Santa Verónica, Santa Helena e Santo André, todas de 5 metros de altura, e a celebre inscripção em letras de

tal poder de suggestão e é tão grandemente bella, que ninguém que tenha tido a felicidade de assistir a uma grande cerimonia em S. Pedro, poderá jámais esquecel-a. O Vaticano tem ainda o segredo d'essas scenas grandiosas, em que o religioso anda reunido ao decorativo.

Continuemos a nossa visita. A nave central e os pilares e pilastras



VATICANO — Sala régia

proprietário 3^o

2 metros cada uma: *Tu es Petrus et super hanc petram edificabo ecclesiam meam, et tibi dabo claves regni colorum*. No cimo da lanterna avista-se a monumental figura do Creador, assignada por Provenzale.

E' do alto d'essa cúpula que, em dias de grande festa, como a que se hade realisar no dia 3 de março proximo, descem os sons de doze trombetas de prata, quando o Papa entra na igreja. Essa chuva de sons cahindo sobre a multidão, que ergue aclamações ao Santo Padre, tem um

corynthias que a ladeiam são em marmore de côr e porphyro. Logo junto á porta principal se vê uma pedra circular, em porphyro, sobre a qual se ajoelhavam antigamente os imperadores, na occasião de serem coroados.

Diante do quarto pilar, á direita, está a conhecida estatua de S. Pedro, em bronze, sentado em uma cadeira de marmore. Tantos beijos tem sido depositos no pé direito d'essa estatua, pelos fiéis que visitam Roma, que já quasi não se lhe conhece o feitio dos dedos!



Visão da Capella de S. Pedro

Continuando a subir a igreja e passando ao lado do baldaquino de que falámos, chegamos ao topo, á abside, onde se admira a cadeira de S. Pedro, cadeira imensa, em que foram empregados 75.000 kilos de bronze, sustentada pelas quatro figuras também colossais dos Paes da Igreja, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, Santo Albanasio e S. João Chryostomo. É obra de Bernini, e se não se impõe pelo bom gosto, impõe-se no entanto pela magestade.

Da abside tornamos a descer a igreja por qualquer das naves lateraes, onde estão os tumulos dos papas. Verdadeira exposição de esculturas magníficas, essa série de monumentos é uma das curiosidades de S. Pedro. Todos são assignados pelos nomes mais celebres da escultura; bastaria o soberbo tumulo do papa Clemente XIII, em que o Grande Canova deixou o melhor da sua arte na figura do papa que resa e nas dos leões que dormem, para se dar por bem empregada uma visita ao Vaticano.

Mas este artigo não comporta a descripção de todos esses monumentos. Passemos por isso rapidamente em frente do bello tumulo em bronze, de Sixto IV, por Pollajuolo; do de Pio VII por Thorwaldsen; dos diltimos Sixtas por Canova; demorem-se nos extase diante desse maravilhoso grupo em marmore, *A Piedade*, de Miguel Angelo, em que a Virgem olha doloridamente para o rosto de Jesus morto, deitado sobre os seus joelhos — e deixemos novamente o immenso socego d'essa immensa igreja, onde tudo é harmonia e paz, para voltarmos á claridade violenta da praça, cheia de sol, onde em cocheiros levantam o dedo perguntando-nos:

— Vuole una carrozza?

A Capella Sixtima e os frescos de Miguel Angelo

Sahindo da igreja e tomando á esquerda encontramos sob as arcadas o *portão de bronze*.

Os suissos da guarda olham-nos do alto das suas vistosas fardas e do seu orgulho de sentinellas do Papa.

Uma escadaria imponente abre-se diante de nós. É a *escada régia*, com a sua abobada de Bernini e a estatua equestre do imperador Constantino.

No alto dão-nos um bilhete de ingresso. Subimos ainda um trecho, e achamo-nos, á direita, na *Sala Régia*, vestibulo da Capella Sixtima, onde ha lindos frescos representando a batalha de Lepanto, as carnificinas de Saint-Bartielemy, Grego-

rio VII e o imperador Henrique IV, a tomada de Tunis por Carlos V, Gregorio XI voltando de Avinhão e Alexandre III absolvendo Frederico Barbaróxa. Assignam-os Vasari, Salvati, Zuccari, etc.

A Sala Régia, que a principio servia para as recepções aos embaixadores, é riquissima de decorações, tendo um tecto notavel, em estuques de Perin del Vaga, e umas portas admiráveis de Volterra. Foi começada no tempo do papa Paulo III por Sangallo.

Á esquerda ha uma pequena porta. Batemos mansamente. Um scabristo abre, com o sorriso nos labios. Um cidadão fica-nos com a bengala. Um outro offerece-nos um espelho para admirarmos as pinturas do tecto. Um outro offerece-nos um binoculo. Somma: 2 liras e 50 centimos.

Est-mos na Capella Sixtima!

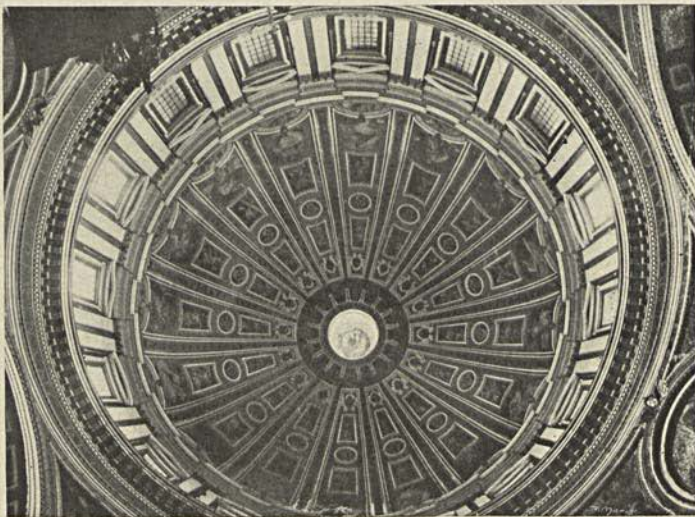
A Capella Sixtima, assim chamada por ter sido o papa Sixto IV quem a fundou, em 1470, não nos dá a impressão que esperavamos, á primeira vista! Tão cheios levavamos os ouvidos de elogios e exclamações, que a nossa primeira impressão é uma impressão de desconsolo. Parece, ao primeiro olhar, que se esgotou demasiado...

Não, sem grandes ornatos, com a iluminação fronsa vinda de cima, de janellas collocadas alto, com a tinta dos frescos desmaiada pelo volver dos annos, a capella não corresponde ao que esperavamos. Mas, pouco a pouco, a impressão modifica-se, as figuras do *Juzo Final* e as da *Creação do Mundo* começam a colorir-se, a tomar alento e vida, e um quarto de hora passado nos faz achar razão n'aquelles artistas, que veem de todo o mundo deitar-se ali, de costas no chão e buoculo em punho, e ali passam horas e horas, dias e dias, na suprema delicia de ver aquellas obras-primas da pintura a fresco!

De costas no chão? perguntarão as leitoras. Sim, excellentissimas senhoras. As pinturas do tecto da Capella Sixtima só se podem ver bem deitando-se o visitante de costas no meio do chão e assentando para lá um binoculo. Na cotação dos estrangeiros ha momentos em que a celebre Capella mais parece uma caserna em tempo de guerra, tal é a quantidade de admiradores, de ambos os sexos, que por lá se veem estirados ao comprido, de um e outro lado da teia!... Ainda ha outro meio — os espelhos que se alugam — mas esse é menos certo, embora mais comodo.

A Capella tem 40 metros de comprimento por 14 de largura.

Como dissemos nenhum ornato a notabilisa. Vae-se lá por causa dos

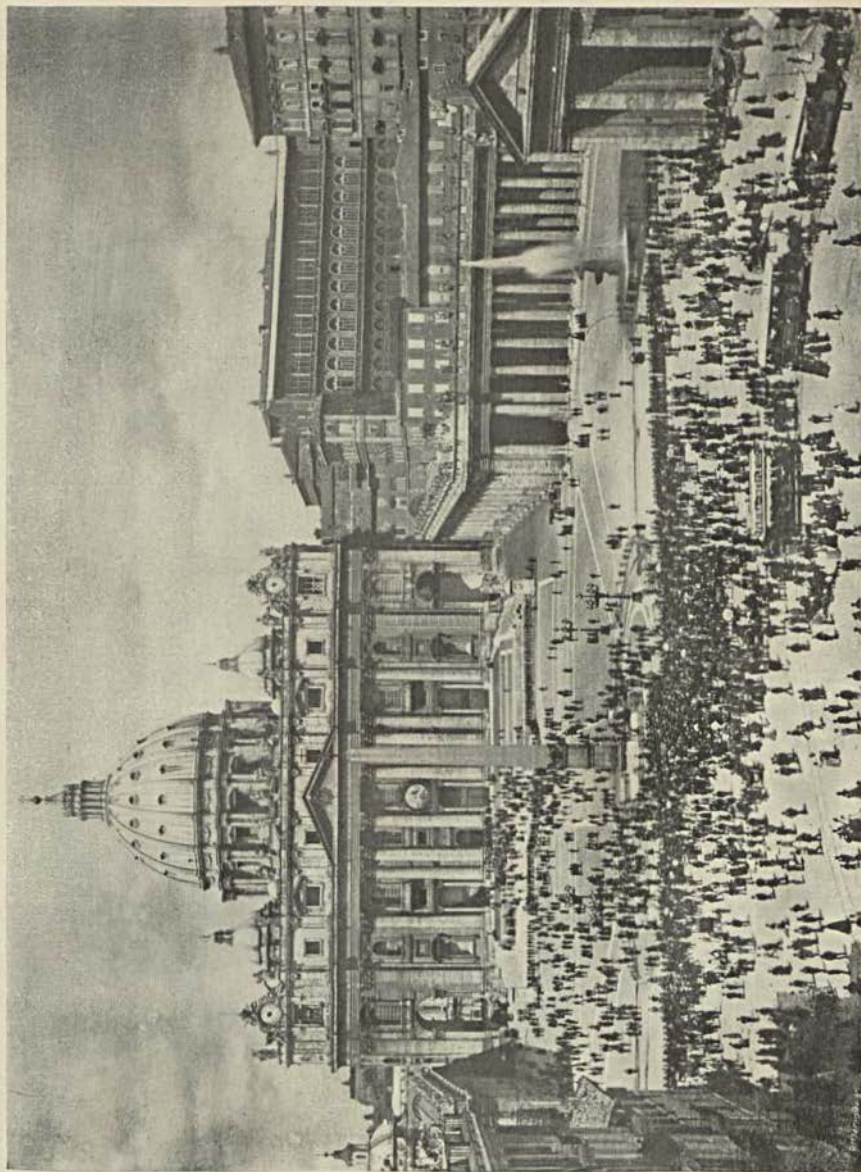


Basilica de S. Pedro — O interior da Grande Capella

seus frescos, que são admiráveis. Os nomes mais celebres da pintura vieram ali dar-se *rendes-nos*.

Quem, porém, se sobrepõe a todos é Miguel Angelo. A Capella Sixtina é a sua obra.

mettidas em nove campos, se vê o Criador separando a luz das trevas, a criação dos astros e das plantas, do homem e dos outros animais, a scena em que Deus tira a mulher de uma costella de Adão, a tentação de Eva, a fuga do Paraizo, a arca de Noé, a embriaguez de Noé, etc.



ROMA — Basílica de S. Pedro no Vaticano construída no século XVI

Foi elle quem pintou o tecto e a parede do topo, extraordinarios exemplos de fôlego artistico.

Os motivos do tecto obedecem ao plano geral: a criação do mundo, e, se a idéa é atrevida, a feitura não o é menos. Em figuras collossaes,

Toda essa obra, tremenda de vigor, é como que sustentada pelas figuras dos Prophetas e das Sibyllas, tambem de Miguel Angelo, citadas como modelos de *racoonce* e de perspectiva.

Mas a sua grande obra, a que o impoz immediatamente, indiscutivel-

mente, á admiração do mundo, é o *Juízo Final*, que occupa toda a parede sobre que assenta o altar-mor, ou sejam 20 metros de alto por 10 de largo.

Essa obra colossal, nunca atingida em atrevimento por qualquer outro, levou sete annos a compôr, de 1534 a 1541. Não se pode descrever-

baixo os mortos resuscitados e o inferno de Dante. N'esta parte do fresco o juiz Minos tem a cara de Biagio de Cesena, mestre de ceremonias de Paulo III, que tinha criticado a obra de Miguel Angelo por causa de todas as figuras estarem nûdas . . . Muitas d'estas foram mais tarde *vestidas* pelo pintor Volterrano, sob as ordens de Paulo IV, o que deu em resultado



Incendio de Borgo — Quadro de Rafael

e é difficil mesmo critica-la. Limitar-nos-hemos por isso a dar a nota geral das figuras que representa. O nosso artigo só a isso aspira.

Como centro vê-se o Salvador. A' direita d'elle os bemaventurados sobem ao ceu, levados por anjos, enquanto os enviados de Satan procuram retê-los, e á esquerda os peccadores procuram imital-os. Ao alto avistam-se dois grupos de anjos conduzindo os instrumentos da Paixão. Ao meio estão o Christo e a Virgem, cercados de apóstolos e santos. Em

ficar aquelle pintor com o sobrenome de *Alfayate*. . . Depois ainda o papa Clemente mandou *vestir* outras. Felizmente, porém, para a obra do mestre, a maior parte das figuras continuam na magnifica nudez em que elle as concebera . . .

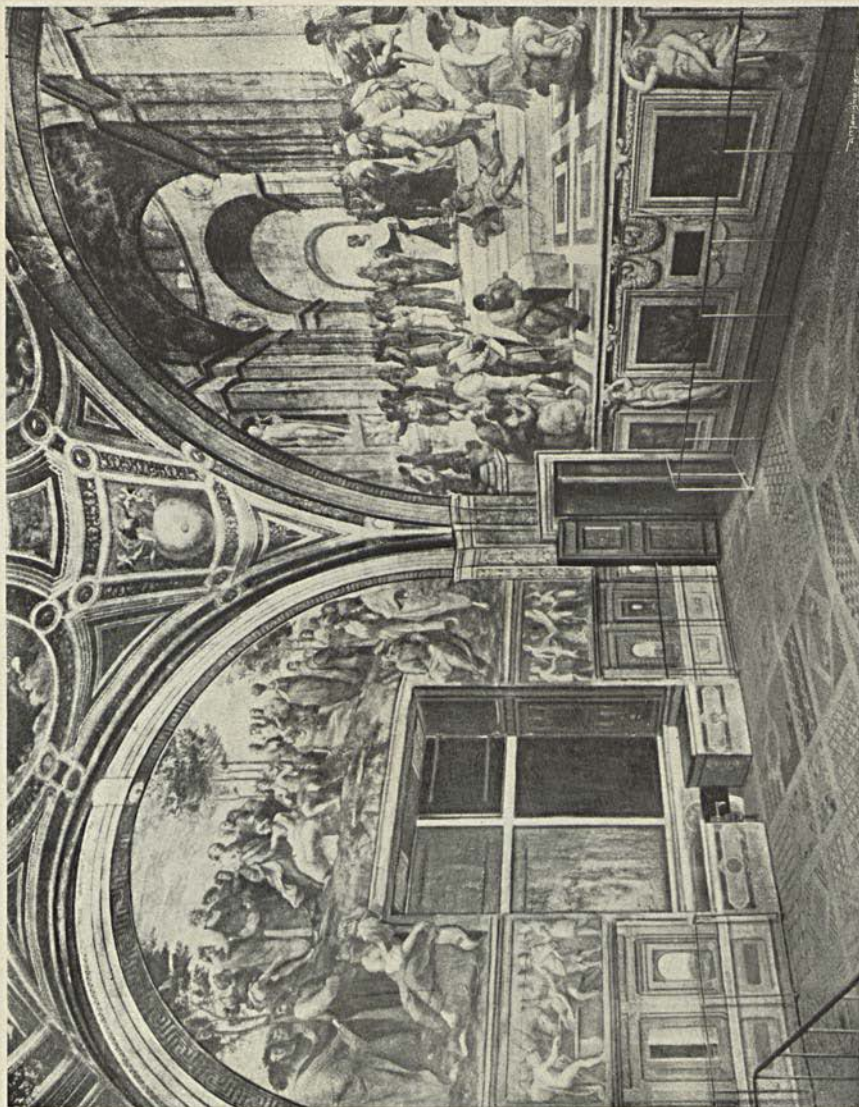
As paredes lateraes da Capella são cobertas com outros frescos, todos igualmente primorosos, representando: os da direita a historia de Jesus e os da esquerda a de Moisés. Entre aquelles são notabilissimos: o *puri-*

fição do leproso, de Botthicelli; a vocação de S. Pedro e Santo André, de Ghirlandajo; e Jesus dando as chaves a S. Pedro, de Peragino. Entre os segundos destacam-se: Moisés fazendo fugir os pastores, de Botthicelli, e Moisés recebendo as taboas da lei, de Rosselli.

Ha ainda para admirar vinte e oito retratos de papas, entre as janelas, pintados por Botthicelli.

Os frescos de Raphael

O reino de Raphael, o cantinho do mundo onde elle passou quasi toda a sua vida e deixou para sempre assignalada toda a sua arte, está situado no segundo andar do corpo do edificio em que entrámos.



VATICANO. — A Sala da assinatura, de Raphael

Tal é, rapidamente dita, a collecção de obras de arte que se conhece pelo nome de Capella Sixtina. Mas ainda agora começámos e o Vaticano é immenso, e as suas obras de arte incalculáveis.

Dêmos por isso cincoenta centimos ao sacristão que nos vem abrir a porta, n'uma profunda reverencia, e deixemos o reino de Miguel Angelo, para subirmos ao de Raphael.

Divide-se a sua obra em duas partes: as chamadas *Salas de Raphael (stanze)* e as chamadas *Galerias de Raphael (loggie)*. Começemos por aquellas.

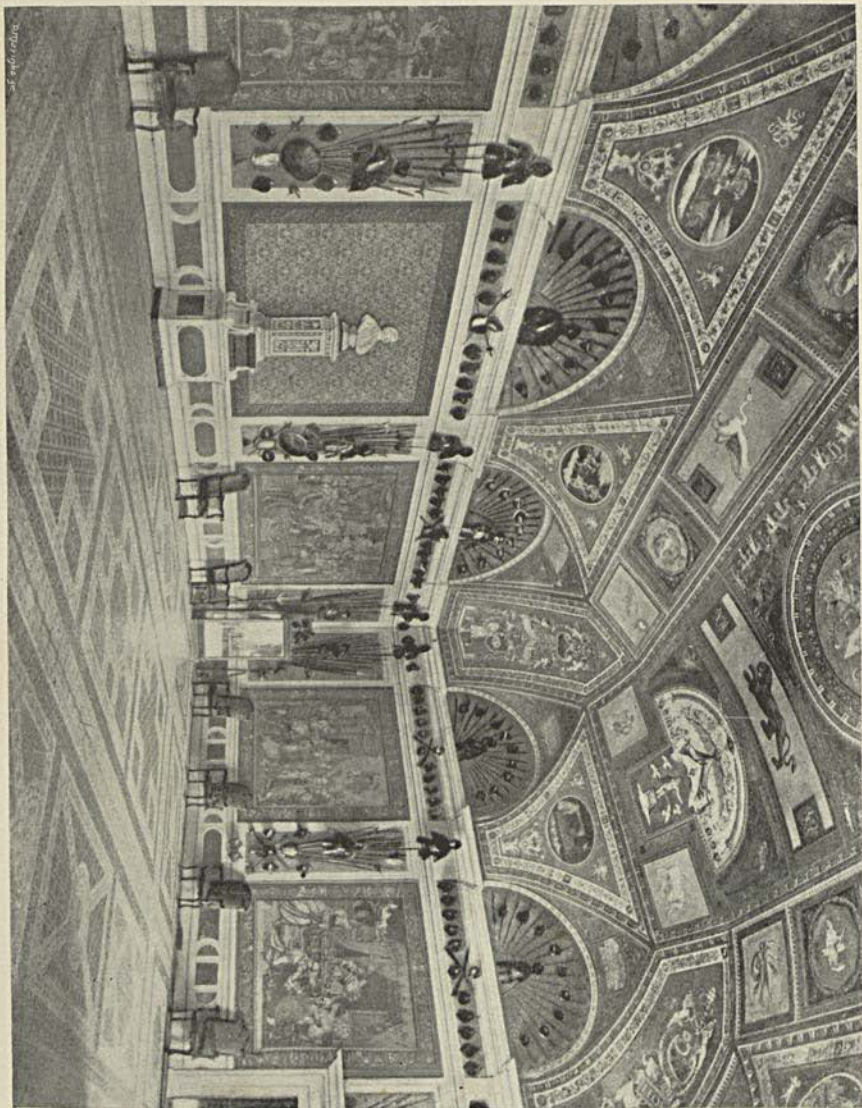
Foi o papa Julio II, quem, no seculo xv, começou por mandar pintar uma série de salas, que serviriam para as recepções no Vaticano. Mandou vir para isso um troço de pintores da Umbria e de Sienna, sob

a direcção de Perugino, entra os quase vinha, como discípulo, um jovem que ninguém conhecia, um tal Raphael Sanzio.

Começados os trabalhos, a parte que fôra entregue a esse discípulo tornou-se tão frisantemente superior a todas as outras, que o papa mandou suspender a obra, nos termos em que estava, e encarregou Raphael de a continuar sózinho!

ao admiravel fresco qua cobre uma das paredes e que representa o incendio que se deu no bairro chamado o Borgo no seculo 12, e que o papa Leão IV extinguiu milagrosamente com um simples signal da cruz feito das janellas de S. Pedro. D'esse assumpto agreste e mystico Raphael compoz uma obra maravilhosa de realismo, de movimento e de cor! As figuras todas descrevem o panico com um poder suggestivo enorme e a

VATICANO — Sala das Pontificas



Tendo tomado conta da empreitada em 1508 ali gastou o melhor da sua vida, e nem assim ponde acabal-a. Foram os seus discipulos quem terminou a obra do mestre. No entanto ha uns poucos de frescos da exclusiva mão d'elle. Por cada um eram-lhe pagos 1200 escudos de ouro, ou sejam vinte e tantos contos de réis.

A primeira sala é conhecida pelo nome de *Sala do Incendio*, devido

maior parte d'ellas andam reproduzidas, como modelos, por todo o mundo. Entre os diversos grupos de que se compõe esse fresco, ha um, á esquerda, que representa Anchises levando ás costas o pae Enéas. Ao fundo vê-se a fachada da antiga igreja de S. Pedro e o papa Leão IV fazendo o signal da cruz, a que acima nos referimos.

O tecto d'esta sala é de Perugino. Nas outras paredes admiram-se,

também a fresco, o juramento de Leão III perante Carlos Magno, defendendo-se das acusações que lhe tinham sido feitas, obra de Perino del Vaga; a vitória de Leão IV sobre os sarracenos em Ostia, de João de Udine; e Carlos Magno coroado imperador em Roma, de os Loureiros, etc.

Deixemos essa primeira sala e os artistas e críticos que n'ella se encontram sempre, em estase diante do incendio do Borgo, e entremos na segunda, chamada da *Assinatura*, porque ali se assignavam antigamente os breves de perdão.

Foi n'ella que Raphael começou os seus trabalhos. As pinturas nuares obedecem nos quatro assumptos: a Theologia, a Poesia, a Philo-
sophia e a Justiça.

A primeira parede é coberta com o fresco conhecido pelo nome de *A Disputa do Santo Sacramento*, em que se vêem os freis reunidos em volta do altar olhando religiosamente para o céu aberto, onde está Jesus-Christo cercado pelos herodes da Fé. Entre os primeiros temos descoberto as cabeças de frei Angelico de Fiesole, do Dante, de Savonarola, etc.

A segunda parede é coberta pelo fresco que representa o Parnaso, um dos mais bellos trabalhos de Raphael. Apollo, sol os loureiros, toca um instrumento da forma de um violoncello. Tem-se discutido muito a razão porque o mestre pôz nas mãos de Apollo um instrumento que não existia então. Como se sabe Apollo é sempre representado com uma lyra. Parece que só a esthetica o fez profanar a mythologia, pois o movimento dos braços do deus parnasiaco é mais harmonioso e mais artistico assim. Em redor d'elle, escutando-o elevados, estão as Musas, e outros grupos, Homero, Virgilio, Dante, Sapho, Petrarca, Finde, Horacio, etc.

Na terceira parede, a *Eschola de Athenas*, fazendo como que o *pendant* da primeira que descrevemos. Ali via-se uma reunião de crentes; aqui vê-se uma reunião de sábios. A scena passa-se em uma galeria aberta, alegrada pelo azul do céu. A sciencia, a arte, a litteratura, a philosophia são ali representadas por Platão, Aristoteles, Socrates, Zoroastro, Pythagoras, Demócrito, Bramante, etc.

Finalmente, na quarta parede, a Justiça temporal e a Justiça espiritual, Moysés levando aos judeus as taboas da lei e Solon pregando ao povo de Athenas. Estes frescos são de Perino del Vaga.

Passemos á terceira sala, a chamada de *Heliodoro*, quasi toda pintada pelo Raphael, de 1511 a 1514.

Do tecto o mural que representa um cavalleiro celeste expulsando Heliodoro do templo de Jerusalem. Quiz-se esta forma symbolisar a expulsão dos Estados da Igreja dos seus inimigos. De um vigor extraordinario de feitura, admiram-se n'ella a figura de Heliodoro, deitado por terra, as dos seus companheiros que procuram defendel-o, a do cavalleiro celeste e dois anjos que o acompanham armados de chicotes, a do padre Onias que réza de joelhos, á do papa Julio II na cadeira gestada por mulheres, crianças, etc. Perfeitamente seguro do seu pincel, o mestre traçou esse fresco com uma pincelada, uma certeza de cores e uma arte nas poses nunca até então conseguidas e nunca desde então.

Em outra parede pintou Raphael — e ha quem ache esta a sua melhor obra como cor — a *Missã de Bolsena*. Symbolisando a transformação do espirito de um descrente, o mestre deixou ali em admiraveis tintas, impresso o milagre que se deu em Bolsena, em 1263. Um padre bohemio, que dividida da transubstanciação, foi um dia repentinamente convencido ao vêr gotas de sangue na hostia que acabava de consagrar. O papa Urbano IV, que estava então em Orvieto, fundou no anno seguinte, em memoria d'esse milagre, a festa do Corpo de Deus, e decidiu que se levantasse a cathedra de Orvieto, uma das mais bellas do mundo. Raphael descreve o milagre n'um grupo, em que se vê o padre bohemio, na occasião em que o seu espirito se illumina, o papa Julio II, de joelhos diante d'elle, cardeaes e povo, que assistem maravilhados ao extraordinario caso.

Na terceira parede symbolisa-se e expulsão do francezes de Italia, depois da batalha de Novara, em 1513.

O papa Leão I, sobre uma mula branca, cercado de cardeaes e de um séquito a cavallo, faz parar, ás portas de Roma, Attila e os Hunos. Estes, no meio de immensa confusão, fogem aterrados diante das imagens de S. Pedro e S. Paulo, que lhes apparecem no céu, resplendentes de luz.

Na quarta parede, a *lump de S. Pedro*. Este, accordado na prisão por um anjo, foga, sem que os guardas, tardamente despertados, consigam impedir-lhe o caminho.

O tecto d'esta sala attribue-se a Julio Romano e descreve passagens do Velho Testamento.

Segue-se a quarta sala chamada de Constantino. É a maior das quatro e a mais notavel. Apos de Raphael ter começado a estudar os assumptos que lhe destinava, nenhuma das pinturas é sua. Foram todas executadas depois da sua morte por Julio Romano, que lá deixou dois magnificos frescos: a *batalha de Constantino contra Maxencio* e *Constantino falando ás tropas*; Raphael dal Colle, que assignou o fresco intitulado *Doação de Roma a S. Silvestre por Constantino*; e Francisco Penni, que pintou o *Baptismo de Constantino em Latrão*.

D'esta mesma sala subimos ao andar onde está a galeria ou *loggia* de Raphael. É uma galeria envidraçada, que contorna o pátio S. Donato, da qual as pinturas do tecto, todas as molduras de estuque, foram feitas pelos discipulos de Raphael, — Julio Romano, João de Udine e outros — sobre cartões e desenhos do mestre. Não são pois propriamente obras d'elle, mas nem por isso deixa de impor-se uma visita á galeria, pois apezar d'essas 52 pinturas, que descrevem paginas do Velho e do Novo Testamento, são verdadeiros primores de composição, e obedecem tanto á sua influencia, que se lhes chama de *lógica de Raphael*.

Além d'estas pinturas principaes, são notaveis na galeria os ornatos do estuque, onde se vêem, em baixo relevo, Raphael desenhando, um ajudante preparando-lhe as cores, os discipulos executando os seus esquisos, etc.

Os trechos mais notaveis do tecto são os seguintes: o Pecado Original, a Expulsão de Adão e Eva, a Construção da Arca de Noé, o Diluvio, o Sacrificio de Noé, Deus predizendo uma grande posteridade a Abrãã,

Abrãã e os três anjos, Lóth fugindo de Sodoma, Deus apparecendo a Isaac, Abimelech espiando Isaac e Rebecca, Isaac abençoando Jacob, Essã e Isaac, o Sonho de Jacob, Jacob e Rachel junto ao poço, Jacob investindo Labão por lhe ter dado Léa por esposa, Vinte Tribus, David e Goliath, Victoria de David sobre os Syrios, David encontrando Bethsabé, Rejuvenes de Salomão, a Rainha de Sábá, a Adoração dos pastores, os Reis Magos, o Baptismo de Jesus Christo e a Caía dos Apostolos.

Das outras galerias se seguem a essa, pintadas por artistas do xvi e do xvii seculos. Não se comparam em valor artistico á que descrevemos.

Desceamos de novo ao andar inferior para visitarmos os notabilissimos

Aposentos Borgia

Os aposentos Borgia devem esse nome á familia do papa Alexandre VI e foram habitados até ao seculo xvi. Abandonados desde então, foi o actual papa quem, de 1889 a 1892, deu ordens e capitães precisos para a sua restauração, que foi feita com intelligencia, e pelo pintor Seitz, o qual reconpoz não só os frescos de Pinturichio, que se conservaram dos melhores do mundo, mas tambem o *parquet*, todo em majolica riquissima.

Esses aposentos compõem-se de seis salas. A primeira, dita dos Papas, *Camera dei Pontifici*, tem a abobada estucada e pintada por João de Udine e P. del Vaga. Caem-lhe nas paredes preciosas tapeçarias. Ao fundo sorri um busto de Leão XIII, por Ugolini, e admiram-se as amaduradas historicas de Julio II e Carlos de Bourbon. Ainda ali ha de amadurar uma porta imitando as de Damão de Bergamo, em Perugia.

Na segunda sala estão alguns dos magnificos frescos de Pinturichio. No tecto, medallhões com os prophetas. Nas paredes, a Anunciação, o Nascimento de Jesus-Christo, a Adoração dos Magos, a Ressurreição, a Ascensão, a Descida do Espirito Santo e a Assumpção. Em quasi todos estes frescos apparecem os Apis e suas filhas, as irmãs dos Borgia.

Na terceira sala, quasi toda pintada tambem por Pinturichio, vêem-se no tecto, Isis, Osiris e o boi Apis; e nas paredes: a dissertação de Santa Catharina d'Alexandria diante do imperador Maximiano, a lenda de Santa Juliana, a lenda de Santa Barbara, S. Paulo Ermita e Santo Antonio no deserto da Thebaida e o Martyrio de S. Sebastião. Estão ali tres pannos flamengos, de grande valor, representando o matrimonio de Santa Catharina, e os bancos que pertenciam ás bibliothecas de Sixto IV e Sixto V, e admiram-se as pinturas de Pinturichio, em como motivos de estudos, em lunetas, as setes artes liberas, sendo notabilissima a luneta da Grammatica. Ha ainda de notavel para ver um Fogaço, executado por Simão Mosca, *d'après* Sansovino, proveniente do castello de Santo Angelo.

A quinta sala, chamada do Credo, é coberta por frescos attribuidos a Pedro Andrea, representando os Apostolos com o Credo. As pinturas nuares desta sala são de ultima data, mais modernas.

Subamos agora ao Vaticano, ao qual se chegou assim... Agora se sobe, logo se desce, depois se entra por onde agora se sahiti, correm-se galerias, atravessam-se patios, cruzam-se salões!... Immenso mundo, colossal edificio, não chega uma semana para bem visital-o! E quem quizer vê-lo bem, analysar bem toda a sua architectura, os seus frescos, as suas tapeçarias, as suas esculturas, os seus livros, pode estar certo de que não gastará menos de um mez, mas de que empregou um mez a vir o que a arte tem de mais bello e de mais rico!

Mas não nos demoremos. Eis-nos diante de um novo guarda, que nós o vemos, em ar de quem nos introduz no proprio templo de Salomão, a porta da capella de Nicolau V, onde se admiram

Os frescos de Beato Angelico

É uma pequena capella de um valor inestimavel, porque as pinturas do Grande Beato Angelico, que a adornam, são consideradas as melhores d'esse celebre mestre florentino.

Foram começadas no reinado do papa Nicolau V, de 1450 a 1455, e restauradas nos de Gregorio XIII e Pio VII.

Dividem-se em duas ordens, ambas de uma nota intensamente pessoal. Na ordem superior ha quatro episodios da vida de Santo Estevão: a sua ordenação por S. Pedro, dando esmolas aos pobres, diante do conselho de Jerusalem e o supplicio.

A ordem inferior descreve episodios da vida de S. Lourenço: a sua ordenação pelo papa Sixto II, recebendo do mesmo papa thesouros para os pobres, a distribuição d'esses thesouros, a sua condemnação pelo imperador, a conversão de seu Guarda e o martyrio.

No tecto e nas cimalhas Beato Angelico pintou Santo Agostinho, S. Gregorio, S. Santo Ambrósio e os Evangelistas; e nos rodapés S. Boaventura, S. João Christosotom, Santo Athanasio e S. Thomas d'Aquino.

Assim como as obras de Miguel Angelo se impõem pela energia e as de Raphael pela fórma, os frescos de Beato Angelico impõem-se pelo sentimento de piedade e religião que os anima.

Mas este artigo váe longo e ainda diante de nós se abrem extensissimas galerias cheias de obras de arte, uma bibliotheca das mais ricas da Europa e museus dos mais notaveis. Deixemos por isso a sua descripção para outro numero do *Brazil-Portugal* e vamos flunar para o Corso, onde passavam as romanas de hoje — tão puras de fórmas e de belleza, diga-se de passagem, como as que outrora passavam no Forum e que actualmnte apenas se admiram... no frio marmore dos museus.

Real

D. Amélia — O maior castigo. **D. Maria** — A Azeitureira — Juramento sagrado.
Gymnasta — O Papão. **Trindade** — A Capital Federal. **Príncipe Real** — Maria Antoinette.

A PEÇA do sr. Raul Brandão não teve o êxito que outras de menos valor têm tido, firmadas por nomes menos considerados nas letras. Porquê? Porque o autor se enganou n'a coisa muito simples: viu drama onde não havia. Para os seus versos de sensibilidade, para a sua delicada suscetibilidade, para a sua original idiosyncrasy, para o seu eu de artista, todo um drama vivia e estava n'aquella acção: um pae moço, que vinte annos ausente da filha, pensa n'ella, ama a, pede-lhe a retribuição d'esse amor, tem ciúmes d'aquelle que atraição e que julga filha sua, e, como ella se recusa a acompanhá-lo, afasta-se para sempre, e considera essa separação o seu maior castigo.

E, como se vê, toda uma peça que corre serena, límpida, que é verosímil, que tem um desenlace logico e que basta para sensibilisar o temperamento do artista.

Não se dá o mesmo com o publico que para se emocionar precisa do conflicto, da acção, do embate das paixões. Para elle só ali reside o interesse e só o que o vibra a faísca que salta d'esse choque. O erro do sr. Raul Brandão o insuccesso da sua peça, está ahí, e só ahí.

Raul Brandão

Veio-se com o publico illudiu-se. Fez-se ao mesmo tempo actor, espectador e critico da sua obra; profundo erro. De todos os campos de acção litteraria, o mais inabordable e o mais difficil, porque nenhum outro exige como elle transigencias e concessões. De resto, em *O maior castigo*, o sr. Raul Brandão é coherentissimo consigo mesmo e com toda a sua obra anterior. Ao seu temperamento, a sua maneira especial e unica de ser impressionado, sensibilisado, não sacrificou os seus nervos, a sua intelligencia, a sua arte. Estes escriptores que podem ser os mais profundos, os mais passaos, os mais conscientes, os mais sinceros, os mais nobres, os mais raros, os menos comprehendidos e, d'ahi, os menos populares.

Lembrasse-se o sr. Raul Brandão de fazer theatre, na accepção piena d'esta phrase; estabeleça um duello de argumentos, um tiroleio de paixões, um arrelhado conflicto de sentimentos entre esses dois homens, o pae e aquelle a quem a filha chama pae, provasse; á Dumas fillos, que o pae não é aquelle que a igreja decreta e a sociedade respeita, mas sómente aquelle que com o seu sangue dá a vida, que n'um momento de amor transmite a outro ser a alma e a sua alma sobre a lei e a convenção fizesse n'um arranco de phrase, n'um impeto de paixão, triumphar a natureza em toda a sua força e em todo seu brilho, e viria então o autor de *O maior castigo* que as palmas calorosas da sua inteira sancionariam o seu theatro e glorificariam o seu talento.

Veucer está em muito pouco; muitas vezes em transigir. Mas, é certo tambem que para escriptores da indole do sr. Raul Brandão, a não victoria nunca é considerada derrota. Elles tem, e é a sua força, a persistencia e a teimosia. E quando um dia chegam, no theatro, que a acção que estão a fazer, não faz subir até elles o publico refractario, quando a limpidez de um sentimento e a simplicidade de o exprimir chegam a ser comprehendida, quando uma perfeita identificação se estabelece entre a alma do escriptor e a do que o escuta, então avoluma-se a victoria tambem, e o triumpho conquistado não tem nenhum que o exceda, porque d'um golpe destruiu convenções, erros, usos e absurdos. Que na vida litteraria do sr. Raul Brandão e na sua futura obra de theatro surja essa hora feliz, triumphante, é o que o seu talento promete, e o que sinceramente desejam consagrar com applausos aquelles que lhe conhecem o valor.

Pondo em scena o primeiro original portuguez, n'esta epocha, mais uma vez prova a empreza do **D. Amélia**, que não obstante ser uma empreza meramente particular, sem obrigações com o Estado nem compromissos com o publico, tem por fim, acima de outros intuitos, chamar e proteger litteratura dramatica nacional.

A sociedade empirica do theatro de **D. Maria** acaba de pôr em scena a velha peça d'Amélia *L'aveuturée*. Não deve desconhecer a quem quizer conhecer bem o theatro francez da segunda metade do seculo xix, como não deve desconhecer a *Diana de Lys* de Dumas fillos, tambem ha pouco representada no mesmo theatro porque uma e outra representam a primeira mulher dos dois actores mais consagrados do theatro francez moderno, e são, por assim dizer, a crysallida d'onde sahiram tantas obras primas que enriqueceram o theatro, e lhes glorificaram, a elles, o nome. Intil, portanto, fazer aqui o estudo, tão feio já, de uma peça que marca o inicio de uma brilhante carreira litteraria. Mas, se, por escusa, da comedia não falto, é dever citar a terração portugueza, em verso, que confirma o talento de poeta tantas vezes revelado de Coelho de Carvalho.

No desampenho é justo destacar dois papeis: o de Ferreira da Silva e o de Fernando Maia. O talento, os recursos artisticos de Angela Pinto, são de sobejo conhecidos para que possa prejudicial-osa a opinião de que o papel da *Azeitureira* não tem um logar primacial na sua já vasta galeria. Tem difficuldades, que de antemão se podiam considerar insuperaveis para o seu original temperamento de artista, mas, a despeza de um castigo que outra venceu, e que se não foi calorosamente applaudida, como foi na *Zazá*, por exemplo, ninguém tambem se atreveu a reprovar o seu trabalho. Tal papel é a contraprova do seu valor.

Ferreira da Silva fez do seu personagem uma formosa creação, a que emprestou o brilho de uma arte que nos ultimos tempos elle tem aperfeiçoado notavelmente, e Fernando Maia, que é tambem dos poucos que progredem, deu ao papel um superior relevo, muito equal em todo elle, todo interpretado com a mais louvavel consciencia artistica.

Mello, correcto como sempre, e os outros artistas que desempenharam

a comedia de Augier, Cecilia Machado, Luiz Pinto, Galvão, harmoniosamente completaram o *ensemble*.

Ha a registrar ainda n'este theatro uma comedia, em verso, n'um acto, do sr. Delphin Guimarães: *Juramento sagrado*. É um primeiro *lever de rideau* que foi comedido por Cecilia Machado e Cecilia Pinto.

O *papão*, que está agora no **Gymnasta**, é um papão original: em vez de assustar e repellar, como todos os papões, atrae todo o mundo, chama ao Gymnasta toda a gente. E o papão mais engracado e divertido que se tem visto no theatro de Lisboa, de rias todas as rias cientes, nobres e povos, faz as delicias do burguez, e que leva na mesma onda de riso o mais exigente homem de letras. É ao mesmo tempo comedia fina e *pochade*, tem observação e brilho, tem realidade e caricatura da realidade, é uma troca a macanoria, a mais feita com tanto facto e arte tão despolida, que nem os proprios magos se poderiam irritar com o espirito do actor.

Mas quem é o actor? É aqui que está o busilis. É o escriptor allemão, cujo nome figura nos cartazes? É o traductor, o sr. Freitas Branco? Pela graça, que tem um cunho accentuadamente portuguez, pelo desdobramento da acção, pela *journalure* da phrase, pelo movimento das figuras, não nos resta duvida já. O sr. Freitas Branco é mais o actor que o traductor. Foi ao allemão buscar a ideia inicial, que é felicissima, e com o seu *savoir faire*, produziu uma bella obra de arte litteraria, a que se não devem regalar applausos. Os comicos personagens de *O papão* foram desempenhados com muito brilho e muita graça. Justo é dizer-l-o, por Cardoso, que o escolheu para a sua festa, por Ignacio, Barbara, Telmo, Adelaide Coutinho, Sophia Santos e outros ainda, dando todos tal relevo ao desempenho, que se pode considerar o primeiro. Mas, a obra de arte devesse concorrer, no theatro de Carvalho, o antigo ensaiador do Gymnasta, sempre extimo na arte difficil de pôr em scena, de movimentar os personagens, do que se chama emfim ensaiar uma peça.

Arroz, Azevedo, o fecundo, o laureado, o mais popular de todos os escriptores dramaticos do Brasil, vem provar-nos com *A Capital Federal*, — em pleno successo no theatro da **Trindade** — que a litteratura brasileira no theatro quando tem a graça do talento, é igualmente apreciada e querida no mundo das letras. A obra de observação, estudo no aspecto das figuras, realidade na exhibição dos costumes e dos usos, facilidade no dialogo, vigor na acção, brilho na linguagem, graça na phrase, o escriptor brasileiro irmana-se com os nossos já consagrados, o seu espirito identifica-se com os nossos valores nacionaes, e este claryo tanta vez repetido, dos dois povos irmãos, tambem no theatro, emfim, — para que nenhum campo lhe falte — encontra a realidade pratica. É o que acaba de dar-se com *A Capital Federal*.

Em principio ao fim da peça o publico ir desafogadamente, e como na primeira noite eu notasse na sala muitos espectadores do Brasil ou que lá tinham estado, chamei a minha attenção para esses e observei, medi, a impressão que a peça lhes ia produzindo no decurso dos seus tres actos, e conclui que para achar valor áquillo que o tem, graça onde ella existe, o intento onde elle se impõe, arte onde ella se patenteia, se a linguagem é a mesma, a nossa bella, rica e sonora linguagem portugueza, o mesmo é ser portuguez ou ser brasileiro, porque todos os que assistem á *Capital Federal* ficam n'uma mesma delicia, n'uma mesma admiração, n'uma mesma admiração, e ao ver assim em pleno successo uma obra litteraria brasileira, cujos papéis principaes são tambem desempenhados por artistas brasileiros, penso que o Brasil acaba de tirar a sua desforça: ha quatro seculos conquistamos o nos; agora conquistamos elle.

A Capital Federal está posta com apparato com luxo. Nos trabalhos scenographicos emserou-se Eduardo Reis, que reproduziu com primor, praças, ruas e edificios do Rio de Janeiro. A musica de Nicolino Milano é o que ha de mais inspirado e de mais gracioso, e no desempenho de certos papéis os tres artistas que vieram do Brasil: Colas, que nos dá um excellento tipo de roceiro; Medina de Sousa, que chegou, viu e venceu, pela gentileza, pela graça e pelo encanto da sua voz; Mattos, nosso velho conhecido, que faz um bello tipo de amador de... mulatas, e emfim os artistas de cá, que são os melhores da Trindade: Amélia Barros, esposa do roceiro, Augier, Queiroz, Francisco Costa, Gomes, Almeida Cruz, etc.

Numeros bisados, chamadas em todos os actos, *A Capital Federal* teve o que se chama em Lisboa: um successo.

Na misteriosa edição deu nos **Príncipe Real** esse estafanado drama de sentimento que ha dezenas de annos arrasta o titulo falso na versão portugueza de *Maria Antoinette*. Falso, porque ou se devia conservar no original ou a querer traduzir-se chamar-se ha Maria Antonia vista que Antoinette nunca foi Antonia.

Mas deixando que a tolice continue a correr mundo, vamos ao que interessa.

N'aquella mesma sala do Príncipe Real quantos Luiz XVI tem proferido por artífices as lagrimas do espectador ingenuo a phrase pungente: «Ah! que a natureza humana não pode mais!»

Quantas Marias Antoinettes tem provocado a compaixão da plateia emocionada pela sua infortuno heroico, pelo seu martyrio de mãe!

Quantos facies indignados se tem revelado, quantos mastopos Simão que é a encarnação selvagem da revolução sangnaria!

Mas, apesar de tanta vez se terem arrastado por aquelle modesto palco estas personagens historicas, nunca a sala deixou de se encher, nunca as lagrimas deixaram de correr, nunca os tormentos da tortura e da macerada nunca detur o oratorio popular de vulgar, enterecer-se e revolver-se quando o carcereiro feroz maltrata o pequenino Delphin.

Não são artistas afamados aquelles a quem d'esta vez foram distribuidos os papeis d'estas lendarias figuras historicas; mas não deixam o publico de applaudir com enthusiasmo porque a *Maria Antoinette* é d'aquellas peças que tem, em si todos os elementos necessarios para impressionar profundamente. E d'aquellas em que o actor pôe muito mais alma que o artista, e isso justifica os applausos com que foi victoriosa o theatro rainha de Euzébio de Almeida no papel de Luiz XVI, Amélia Vieira, no da infeliz austrica, Rosa d'Oliveira — que escolheu para a sua festa este drama tragico — no da princeza Isabel, irmã do rei, Alves da Silva, o artista brasileiro que ha pouco fez aqui a sua estreia, no general Alfayete, e estes, como os outros artistas que se enchem os respectivos papeis, viram-se mais applaudidos e glorificados que n'outros em que mais satisfizes as exigencias da sua arte despretenciosas, porque, repito, phrases, situações, lances dramaticos, tudo quanto arrebat e commove tem para dar e vender a *Maria Antoinette*.

JAYME VICTOR.

BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão

letra e capa: C. myrrha Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

Páginas supplementares: Off.º Estêvão Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 18 & 24

REVISTA QUINZENA ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjº Tavares
Editor—Luiz Antonio Sanches
Redacção e administração—Rua de S. Roque, 115
End. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno	Moeda brasileira	Anno	Anno
Numero avulso	36000	6 mezes	75000
	20000	3 mezes	40000
		Numero avulso	5000
			5000

SUMMARIO

TEXTO

As festas de 15 de novembro no Rio de Janeiro.
Uma verdade—A. M. da Cunha Belem.
Politica internacional—CONSIGLIERI PEDROSO.
O Vaticano Artistico.
Theatros—JAYME VICTOR.

GRAVURAS

AS FESTAS DE 15 DE NOVEMBRO NO RIO DE JANEIRO
—O Palacio do Catete n'esse dia.— Varias vistas do cruzador D. Carlos entrando a bahia do Rio de Janeiro— Sala do despacho no palacio do Catete —O jardim— Diversos aspectos.
THEATRO DE D. AMELIA —O almoço oferecido a Mademoiselle Bartet no jardim de inverno d'este theatro.
O VATICANO ARTISTICO— A escada régia— Sala régia— Panorama da cupula da Basílica de S. Pedro —O interior da grande cupula — A basílica —Incendio de Burgo —A sala da assignatura — Sala dos Pontífices.
THEATROS —Raul Brandão.

28 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Bom conselho.
Os nossos correspondentes.
Representantes do Brasil-Portugal.
O nosso almanach
Carta da Quinzena.
O medico de Cucugnan — Roumanille.
Fundocistas.
Fundação indigena.
Errata

ANUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto.— Porto
The Pacific Steam Navigation Company—
Lisboa.
Compagnie des Messageries Maritimes — Lis-
boa.
London & Paris—Lisboa.
Empresa Nacional de Navegação— Lisboa.
Villar & ALEN—Vinhos—Rio de Janeiro.
Mala Real Ingleza—Lisboa
Alberto, Martins & C.º—Rio de Janeiro.

H. Parry & Son.—Lisboa.
Faustino A. Martins—Lisboa.
Barão & C.º—Lisboa.
Ultramarino—Lisboa.
Escola Academica—Lisboa.
Novo Hotel do Guarujá — Santos.
Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.
Cesar Paiva—Lisboa.
Fonseca, Santos & Vianna—Lisboa.
Alfayateria Confiança—Lisboa.
Compagnia Transatlantica de Barcellona—
Lisboa.
Almanach Illustrado do Brasil Portugal para
1903—Lisboa.
Lanço Nacional Ultramarino—Lisboa
Bilhates de precisão —Lisboa.
Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.
João Cardoso—Lisboa.
Fabrica S. Lourenço —Rio de Janeiro.
Fabrica de gravatas —Rio de Janeiro
Cimento 'Po tland, Lion & C.º — S. Paulo
& Santos.
C. P. Vianna & C.º — S. Paulo
Lemos & Filhos — Porto.
Ao Boticao Universal—S. Paulo.
Daniel Monteiro d'Abreu — S. Paulo.
Perfumaria L. Quarré — Rio de Janeiro
J. L. Mart ns — Rio de Janeiro
Fabrica Confiança de Gravatas—Rio de Janeiro.
Fabrica de ladrilhos hydraulicos — Rio de Janeiro.
Grande Hotel — S. Paulo.
Torres Carneiro — Rio de Janeiro.
Pianos de Pleyel—Rio de Janeiro.
Aguas de Carabaha—Lisboa.
La Union y El Fonce Español —Lisboa.
Casa Abreu — S. Paulo.
J. Amarante & C.º—S. Paulo.
Formicida-Schomaker — Rio de Janeiro.
Atelier d'Alfaiata A. Couto —Lisboa.
Cimento Portland — S. Paulo.
Compagnia Geral do Credito Predial—Lisboa.
Ferrari Sobrinho & C.º, Joalheiros.—Rio de Janeiro.
Veiga & C.º—Rio de Janeiro.
Angelino Simões —Rio de Janeiro.
Auxilia Financial de Portugal—Rio de Janeiro
Auc Dames Elegantes — Rio de Janeiro.
A Rabeca de Ouro—Rio de Janeiro.
A Brasileira — Rio de Janeiro
Barr Royal—Rio de Janeiro.

Chapelaria Americana—Rio de Janeiro
Jacintho Ribeiro dos Santos—Rio de Janeiro.
Vinhos Velhos Legitimos do Porto.—Porto.
Fabrica de Tecidos e Fiação—S. Paulo.
Compagnia de seguros maritimos e terrestres
Rio de Janeiro.
Casa Doux—Rio de Janeiro.
Arthur de Carvalho & C.º—Rio de Janeiro.
Arquivo 'Veiga & C.º—Rio de Janeiro.
Ao ganha pouco — Rio de Janeiro
'Papellaria e typographia — Rio de Janeiro.
Martins, Vianna, Vaz & C.º—Rio de Janeiro
Ferreirinha — Rio de Janeiro.

NA CAPA

Agua mineral — Rio de Janeiro.
Garantia da Amazonia—Pará.
A notre dame de Paris—Rio de Janeiro
Farinha, Carvalho & C.º—Rio de Janeiro.

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas côres. E eras isto fransino?
— Cossas, meu velho. Faze como eu. Toma o Chocoolate Brasilis, que se fabrica no Molinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

No Continente

PORTO.—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 549.
EVOIRA.—Agente geral em Evora e no Sul Eduardo Branco Pereira, Praça do Gerardo, 15, 1.
BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.º.
COIMBRA.—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 13.
CASTELO BRANCO—Pedro Augusto Pessoa.
ABRANTES—Antonio Augusto Salgueiro.
BEJAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.
AI COBACA—José Narciso da Costa.
PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde LERIA—Manoel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Olive VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues CORUÇHE—José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
PARO — Maya & Trigoço.

Provenem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.
A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central dos Estados do Sul: Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Folto, Rua da Alfândega, 4, sobrado.

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Luso Francesa—Rua Affonso de Albuquerque.

PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.—Rua Primeiro de Março, 115.

P. A. B. — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 55.

MANAOS—Jayma & Camara—Livraria Classica—Rua Guilherme Moreira.

MARANHAO—Leonilo J. de Medeiros & C.^a

OPARÁ—A. Ferreira Braga—Praça José Alencar 30

B. A. H. — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 25

PELOTAS—Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana)

PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana)

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho

BEIRA—Antonio Francisco Ribeiro.

MOÇAMBIQUE—Joaquim Teixeira de Assumpção.

QUILIMANJE—Henrique Jorge de S. Neves

B. M. — Mathous & Tavares.

LOURINHO MARQUES—D. Bernardo Heltor da Silveira de Lezema.

S. THOMÉ — L. A. B. Alves Mendes

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam **Brasil-Portugal** os srs.:

Abreu Irmãos & C.^a, em S. PAULO.

Zeferno Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.

Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguará, n.º 1), em CAMPINAS.

Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.

A. Vianna Pinto de Sousa (vice consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.

Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andressen) — MANAOS.

O NOSSO ALMANACH

Está já á venda em Portugal e no Brasil o *Almanach Ilustrado do Brasil Portugal*, para 1903, com uma capa a côres, desenho do grande pintor Rama-

ho. Impresso em papel forte, abre com um *juízo do anno*, de Alfredo de Mesquita, illustrado pelo lapis humoristico de Celso Herminio, e ao longo das suas 128 paginas, não contando com as da secção dos annuncios que é variadissima, pela serie enorme de estabelecimentos brasileiros e portuguezes que n'ella figuram, encontram-se umas 200 *photogravuras* nitidamente feitas nas officinas de Pires Marinho & C.^a

Acompanhando o calendario de 1903 dá em cada mez uma serie de receitas agricolas para pomar, horta e jardim. Publica uma centena de adivinhações, logogriphos, enigmas illustrados, charadas, bilhetes postaes, offerecendo á primeira pessoa que enviar a decifração de todos elles, um volume encadernado do 4.º anno do *Brasil-Portugal*.

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.^a

Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool. Linha semanal entre Londres, Gibraltar, Malta e Cadiz, e linha mensal para Glasgow. Carreiras para Bordens e Leith, etc.

Compagnie des Messageries Maritimes
Paquebots poste français
Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a OREY ANTUNES & C.^a — 1.ª Praça dos Remoiares.

Toda a passagens, carga, e todas as informações trata-se na Agencia da Companhia — 37, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADES

GUILHERME SILVA

Camisa*, ceroulas, gravetas, collarinhos e punhos



Roupas bordadas e camizetas Enxovaes em todos os generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA

Empreza Nacional de Navegação

Carreira quinzenal para a Costa d'África Occidental

Sahidas a 6 e 31 de cada mez, tocando nos seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thome, Principe, S. Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizeta, Edimbriz, Luanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B.—Os paquetes que sahem a 6 fazem escala por Santo Antonio do Zaire Ambrizette, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 8. 1.º

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.^a

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

Cartaz da Quinzena

N. Carlos — Sempre se inaugura no dia 18 a epocha lyrica com a *Tocca* de Puccini cantada pelo soprano E. Tetrzini, tenor Giraud e barytono Giraldoni que pela primeira vez se fez ouvir em Lisboa. A seguir, canta se a *Giocanda* de Ponchielli, debutando n'ella o soprano Amelia Pinto, e cantando as outras partes o tenor Biccetto, barytono Straciaré e o baixo Torres de Luna.

Amelia Pinto fará tambem a *Germania*, uma das duas operas novas. A *Grat Attraction* é do tenor Caruso que é hoje considerado o primeiro mas que só cantará de 8 de fevereiro a 21 de março. Debuta na Federa.

Na sala, ha varias innovações: — um lustre com 400 lampadas electricas e um panno de boca, em tecido grenat, forma de cortina, com franjas de ouro e emcaio das armas portuguezas.

S. Carlos dará tambem a *Adriana Lecoureur* opera nova, com scenario e *mise-en-scene*, tudo novo.

D. Maria — Para substituir em scena a *Antarctica* Emilia Angier, traduzida em verso pelo sr. Coelho de Carvalho e que tanto tem agradado, ensaiou-se uma comedia muito boa, allemã, traducção do sr. Manuel de Macedo.

D. Amelia — A primeira da comedia franceza em 4 actos de Raoul Gavault e Georges Feydeau, *Madame Fiert* está marcada para 27. A seguir, entrarão em scena para reprise a *Federa*, de Mesquita, e *Dr. Leonor Tilles*, de Marcelino de Mesquita, a primeira para beneficio de Lucia Simões e a segunda para beneficio de Eduardo Brazão.

Para o carnaval, subirá á scena a *Duquetá das Folies Bergeres*, uma engracada comedia de Feydeau, traducida por Eduardo Garrido. Este theatro dará ainda como novidades este anno, uma peça original de Marcelino de Mesquita e a comedia franceza, actual successo do Palais Royal, de Paris, *La Carotte*.

Teatrinho — Continua em pleno exito a *Capital Federal* do illustre jornalista brazileiro Arthur de Azevedo.

Gymnasio — Vae fazer reprise da espirituosa comedia de Eduardo Schwalbach, a *Senhora Ministra* no Gymnasio, com esta distribuição:

Antonio.....	Ignacio
Bernardo.....	Telmo
Gatho.....	Cardoso
Francisco.....	J. d'Almeida
Francisco.....	Sarmiento
Lopes.....	Alves
Um crendo.....	Jorge
Margdalena.....	A. Coutinho
Conceição.....	Barbara
Isabel.....	Adelia
Lima creada.....	P. Ferreira

Avenida — Está ensaiando a *Filha do Inferno*, opera phantastica em 4 actos e 12 quadros, de Eduardo Garrido.

Rua dos Condes — Representa uma nova *Restas O Segredo da Morgada*, do Dr. Camillo Monteiro.

Assim distribuido:

D. Pantaleão Rosmaninho, corregedor.....	Santinhos
Basilio, Valladares, taverneiro.....	Carlos Santos
Neves.....	Neves
Gregorio, capitão de infantaria.....	Fragoso
Comandante.....	Conde
Pedro, credo da morgada.....	Maria Santos
Mozina, mulher do corregedor.....	Accacia Reis
Gracinda, sobrinha do corregedor.....	Delfina
Morgada do sr. Alva.....	Isaura
Camada, mulher de José Neves.....	Carlota da Fonseca

Depois entrará em ensaios a revista do anno, do sr. Camara Lima e versos do sr. Mello Barreto, *Olho da rua*.

Principe Real — Continua com as actrizes das peças antigas, do repertorio da acção Amelia Vieira.

Coliseu dos Recreios. — Esperam-se para breve os debutes do grande saltador americano Mr. Higguis, e dos bicyclistas serio-comicos Harry Polo.

O MEDICO DE CUCUGNAN

Era um medico que sabia muito, porque muito aprendera e comtudo, em Cucugnan, onde se estabeleceram havia dois annos, ninguem tinha confiança n'elle. Então quiz quem? encontrando-o sempre com um livro na mão, os cucugnanenses diziam: — Não sabe nada, mesmo nada, o nosso medico; lê, está sempre a ler. Se estuda é para aprender, se precisa aprender é porque não sabe: se não sabe, é um ignorante.

Daqui é que não saiam, e... não tinham confiança n'elle.

Um medico sem doentes é uma lamparina sem azeite. Todos precisam de ganhar para comer, e o nosso pobre doutor não ganhava para a agua que bebia.

Já era tempo e bem tempo que aquillo acabasse.

Um dia, para decidir, espalhou por todo o Cucugnan, que o seu saber era tão grande, tão poderoso, tão soberano, que era capaz, não só de curar um doente, — o que nada vale — mas de resuscitar um morto, o que pôde dizer-se um verdadeiro milagre de Deus! — Sim, sim; um morto, dizia elle, e um morto enterrado!... E resuscitou-o-hei quando quizermos, em pleno dia, em pleno cemiterio, coram populo.

Não foram numerosos os que acreditaram! Ainda assim os incredulos pensavam: — O que arriscamos nós em o deixar fazer a experiencia? Vejamos-o primeiro em accção: pela obra se conhece o operario. Pôde ser bem succedido: é um homem que tem lado tanto, tanto! e agora fazem-se descobertas tão extraordinarias! Se do, podem-se fiar os olhos, damos-lhe as palmas; se não fizer, apunhamol-o. Resuscite um, e então veremos se manou bom leite.

Está d'isto! ficou combinado que, no domingo seguinte, quando desse meio dia, o senhor doutor em pleno cemiterio de Cucugnan, resuscitaria um morto, dize, se fosse preciso; houve muitas tinsinas que disse nove ou dez!

Assim, muito antes da hora marcada, n'aquelle domingo, o cemiterio de Cucugnan estava cheio como a igreja á hora da missa, na Paschoa. Ainda não soara a segunda badalada do meio dia quando o senhor doutor, fiel á sua promessa, chegou, todo vestido de preto. Teve immensa difficuldade e foi obrigado a dar cotovella e pedestal, para poder chegar até a cruz e trepar ao pedestal.

Ah! cumprimentou, tossiu, assou-se, e: — Meus amigos, disse elle, prometi-lhes resuscitar um morto. Cumpriré a minha palavra. Vou começar. Vamos, silencio! Tanto me custa, podem têr a certeza, fazer voltar á vida Jacques ou João como Nanon ou Babet, como Claudio ou Simão. Quem que lhes resuscite Simão? como o Chamo a Sinto Taberneiro... que morreu d'uma pleuresia, vae fazer agora um anno!

— Com licença, senhor doutor, disse-lhe Catharina, viuva do pobre Simão. Sem davida que era um bom homem! fazia-me feliz, e hei-de chorar-o emquanto Deus me der o luto! Mas não o resuscite; porque, the, sr. doutor, cotovella á agua, eu me casei com o Pascal, aquelle que é muito alto. D'hoje a oito dias, publicam-se os banhos, o primeiro e o ultimo. Já me deram as prendas.

— Ah! fizeste bem em m'o dizer, Catharina! Bem! então, se eu resuscitasse Nanon Canotte, que foi enterrado no bello dia de Nossa Senhora das Candieas!

— Não faça tal, sr. doutor, gritou Jacques Lavelle. Nanon era minha mulher. Vivemos juntos dez annos: dez annos de purgatorio, todo o Cucugnan o sabe. Nanon que fique onde está para seu e meu descanço. Um verdadeiro pimento, meu senhor! teimoso como um burro, teimoso, preguiçoso, bulhento, cheio de nodos e esfarfado! Ainda para mais, mãos, rotas, e umalungado! uma lingua de vibora, meu senhor, que era capaz de fazer jogar a pancada a Santa Virgem com S. José E... ainda não digo tudo!

— Mas então, meu amigos...

— Desculpe-me se o interrompo, sr. doutor!

Mulher morta, chapéu novo. Como Nanon me deixou tres patizes que não se pareciam nada com o paé, e como, o sr. doutor percebe, eu não os podia educar, tornei a casar-me. Portanto é inutil...

— Isso é outra coisa. Compreendo. E' claro que seria para ti aroz martyrio, teres duas mulheres na tua casa! Uma já basta, e vi que não vá! Bem! então resuscitaremos... porquê, amigos, boa gente, eu metto-me a resuscitar alguem... Olhem, esse bom mestre Pedro.

— Mestre Pedro do Casal — velho? disse Felix Bom-Pulso.

— Esse mesmo.

— Ah! meu pobre paé!... Que Deus o teinha em sua santa guarda, sr. doutor!... Era um tanto homem. Já isso era! Não o resuscitasse porque se elle voltasse á vida, que atrapalhados acharia os nossos negocios! e ficaria com o coração magoado, elle que, coitado! gostava tanto de nos ver amigos. Dividimos entre nós, depois de muitas questões, de muita pancada, de um grande processo, e não sem nos termos arrancado os cabellos uns dos outros, uns redações de terra. Somos, são, quatro rapazes e duas raparigas. Temos muitos filhos; cada um puxa a brasa para a sua sardinha e a agua para o seu moinho. Ah! não ha ninguem que tenha hogos na familia.

— Não será então possivel?

— Com licença! Se o resuscitasse, tinhamos de dar á dividida um a um, uma pensão ao pobre velho. Nada mais justo... Mas os annos viço! mais! O sr. dr. bem o sabe, os bichos de seda não fazem nada que preste... quando fazem alguma coisa... as vinhas est' o com o milho, os trigos não dão nada, as oliveiras tem o bicho, não chove, e a hortaliça dá-se de engraxar... — Bem! seja o que for, então, resuscite o mestre Pedro. Mas como eu não vim aqui para ganhar perolas, e como vocês todos me vêem fazer o milagre, vou acordar... Quem querem que eu accorde?

— Gathon! dê-me a minha Gathon! exclamou n'este momento uma boa mulher, chorando como uma Magdalena.

— Não, não, senhor doutor! não o accorde! disse uma rapariga. Oh! não... Bella virgem, que bem fizeste em morrer! Antes do morrer, disse-me tudo. E depois vestimol-o com o seu bonito vestido branco, e puzemos-lhe flores na cabeça!... Parecia uma noiva. Deixa-a em terra santa; aquelle que ella tanto amava fugiu agora com outra!

— Pebre! pobre Gathon!... Olhem tudo isto como a abroceer-me. Vou para acabar de vez, accordar o velho Gimgalet que engulia a lingua quando estava a comer salmão, ha cerca de um mez.

— Agora sou eu que não quero! Não quero, gritou Lorent Pinto, um dos deus do no sr. Tinha-me vendido á sua vinha e o seu casal com renda vitalicia. Paguei durante dez annos, e muito mais do que aquillo valia, em bellos escudos de prata, e sem ganhar nunca um soldo. Tinha agora que lhe pagar de novo a renda! Isso não era justo, senhor doutor.

— Tanto aperta!... Est' bem, seja. Vejamos! um selo de cinco mil réis deixando nem mulher, nem filhos, nem irmãs, nem irmãos, mas a recordação, o exemplo de todas as virtudes, e os seus quatro soldos ao hospital: o bom cura, que tanta amizade lhe tinha, que vocês tanto choraram, e que por causa de vocês tambem, fez, devem ter visto bem presente na memoria, uma tão fatigante viagem na memoria, ao quando, pobre peregrino! em todos os cantos e recantos, os seus cucugnanenses, e encontrando os todos, sem exceptuar um (ah! que desgraça!) no inferno que para todos se abriu! Se o resuscitassemos?

— Ah! não! não! clamaram, esta d'um lado, aquella d'outro, algumas beastas de fama. Não, não, sr. doutor.

— Tanto mais, acrescentou Miss Roussellina, madre da congregação, tanto mais que elle era velho, o pobre homem! e surdo como uma porta — tão surdo que quando eu me confessava, se lhe dizia alhos, respondia-me bogalhos. Deixei-o na gloria de Deus, porque, já agora, temos um cura que é novo, e que tem bella apparencia! é bom, como o dinheiro, canta como orgão, prega como um seraphim e dirige o barco á medida de todos os desejos.

— Não tenho nada a responder. N'esse caso volteemos para outro lado. Vejo ali ao pé, uma pequena cruz de madeira; dir-se-hia que a herva florida e os pequenos caracões que se lhe collaram, quizeram occultar a sua negra cor,

tão alto em roda a herba cresceu direita e florida, tantos caracões a rodeiam! E' o tumulo de uma creanga de peitor; tinha dez mezes quando morreu, dil o a inscripção. Ah! decerto, seria peccado resuscital-a: tão feliz na morte, longe d'um mundo onde se ouve... o que vocês, meus pobres amigos, me dizem! Se, contudo, queream que a chame fal-a-hai voltar apesar de tudo.

— Sr. doutor, disse então uma pobre velha chorando, esse pequetinho morto era nosso, ai, meu Deus! sou eu a sua avó. Ainda a minha filha não desmamára; estavam-lhe a vir os dentinhos de leite, quando, pobresinho! morreu.

Ah! se visse como era bonito, o nosso pequetinho! Deus levou-o; se'a feita a sua vontade! Temos um outro que mama. Deus faz bem tudo quanto faz: o que tira com uma das mãos, dá-o com a outra. Não podemos dar de mamar a dois, e somos tão pobres que não temos dinheiro para mandar um a ama.

Então o medico:

— Por hoje é bastante, é mesmo de mais! disse allá. Visto que não queream que faça hoje o milagre, tentarei fazel-o n'um outro dia, não resuscitando um morto, — porque, bem virem, vocês tornam isso impossivel, — mas vindo em auxilio dos vivos em peigo de morte. Adeus. E foi-se.

Excusado será dizer que depois d'este domingo memoravel, o nosso medico fez milagres em Cocugnan. Não resuscitou os mortos, mas salvou a vida a mais d'um doente. Os Cocugnanenses depositaram n'ella plena confiança. — Porque, afinal, diziam elles, se não cumpriu a sua promessa no cemiterio, sejamos justos, d'isso não teve elle culpa nenhuma.

E tudo que acaba bem é bom.

ROUMANILLE.

— Nunca dei esmola, dizia um usurario, porque o evangelho me prohibe...

—!!!

— Lá está escripto: Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.

FUNDAÇÃO INDIGENA

Na quarta pagina da nossa capa reproduzimos tres gravuras das importantissimas officinas dos srs. Farinha, Carvalho & C.ª, na rua Camerino, do Rio de Janeiro, que ha dias foram visitadas pelo ministro de Portugal o sr. Conselheiro Camello Lampreia. Essa visita foi decorada e interessantissima. O nosso representante da republica brasileira, depois de admirar o trabalho das diferentes machinas em laboração, e que representam tudo quanto ha de melhor e de mais moderno, entrou na secção de fundição, assistindo ao lançamento do ferro derretido no molde de uma grande columna de ornamento, trabalho deversos curtos, e passando em seguida aos depositos de modelos, que formam já uma riquissima collecção. Ao illustre diplomata foram offerecidas plantas e photographias de alguns trabalhos d'esta fundição, reputada hoje a primeira do Brasil.

Sendo offerecido pelos proprietarios da fabrica uma taça de champagne ao sr. Lampreia, trocaram-se brindes entusiasticos dos srs. Commandador Santos Carvalho agradecendo a visita do nosso ministro; d'este, elogiando o trabalho incansavel dos portuguezes no Brasil, saudando a prosperidade dos proprietarios da fundição; e do sr. Eugenio da Silveira agradecendo em nome dos empregados e operarios. Depois da retirada do ar. Lampreia, ainda o sr. Santos Carvalho brindou a todos os assistentes especializando como jornalistas os srs. Eugenio da Silveira e o nosso director Lorjõ Tavares.

A firma actual d'esta fundição é composta pelos srs. João Farinha dos Santos, commendador Antonio dos Santos Carvalho, e Antonio Paes Rodrigues, e pelos interessados João Lopes da Costa, Gil Goes Dias e Raul dos Santos Carvalho.

A fabrica foi fundada ha 74 annos, em 1828, por Miguel Couto dos Santos, portuguez, fallecido ha dois annos na cidade do Porto.

Ha 25 annos que pertencia a firma Costa Ferreira & C.ª, hoje modificada para Farinha, Carvalho & C.ª, que eram socios da firma antecessora, por fallecimento do socio Costa Ferreira.

Tendo principalmente por alvo o aperfeiçoamento e introdução da arte na fundição do ferro, esplendidos trabalhos all' team sido executados, e que foram levados ás exposições nacionaes de 1861, 1866 e 1895, ás de Londres de 1862 e ás de Paris de 1867 e 1869, merecendo os seguintes premios: medalhas de ouro nas exposições nacionaes, menção honrosa na de Paris.

A fundição, onde podem ser fundidas peças com 500 kilos da peça, tem actualmente 81 operarios ao seu serviço, mas tem tido já 115 a 120, conforme as epochas de trabalho.

Errata

No texto d'este numero, sahiu por erro typographico, CAPELLA em vez de CUPULA de S. Pedro em duas gravuras do VATICANO ARTISTICO.

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL
STEAM PACK & T COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores
d'esta antiga Companhia

Prestam-se todas as informações
na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES,
JAMES RAWES & C.ª

Alberto, Martins & C.ª

IMPORTAÇÃO

E

EXPORTAÇÃO

Caixa de Correio — 708.

Codigos — BRASIL E RIBEIRO.

Rua da Alfandega, 110

RIO DE JANEIRO

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRAGAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

Bilhetes postaes illustrados

Collecção a mais perfeita, variada e importante de Portugal

Cada duzia 200 rs.

Cada cento 1\$500 rs.

Para revender, condições especiais

ESTA GRANDE COLLECÇÃO comprehende já cerca de 300 variedades como os retratos de toda a Familia Real, monumentos e edificios notaveis de todo o paiz, vistas de Lisboa e de outros pontos do continente e colonias, costumes portuguezes, assumptos militares, maritimos, politico-agricolas, de bellas artes, etc., etc.

Faustino A. Martins

Praça Luiz de Camões, 35 — Lisboa

Nesta mesma casa compra-se toda a sorte de sellos colonias, etc., e onde melhor se pagam sempre.



BARÃO & COM.ª

PELLEIROS

Pelles e muitos outros artigos relativos á classe de pelleiro e c.º correio, artigos de borraça, oleados para chão e mixa e c.º c.º para curtos, malles de todos os systemas e samahs e de vime cobertas de couro, muito leves, machas de viagem, cotos de couro e polimento para sapatos e creanças, ditas para usos diversos.

Tingem-se e decoram-se capas de borraça e todos os artefactos de pelle, e f.º f.º em recorta a to reio em. Lavam-se e tingem-se luvras e pelles. Embalsamam-se animaes.

266, R. Augusta, 266, est. — 60, R. d'Assumpção, 44

LISBOA



COMPANHIA

DE

SEGUROS MARITIMOS

ULTRAMARINA

RUA D'EL-REI, 82, 1.ª

LISBOA

Esta Companhia effectua seguros exclusivamente maritimos a premios reduzidos.

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina
pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa
Medico dos Hospitales Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosophia, com o curso
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra
Curso Theologico no Seminario de Vizeu
e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 $\frac{1}{4}$, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'asperção, frio ou morno, conforme lhe está precuitado.

As **salas de banho**, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, teem cada uma 17 banhos d'asperção, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, regr. ssam nos dormitórios, onde completam a sua toilette.

As 6 $\frac{1}{4}$ dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 $\frac{1}{2}$ ás 7 $\frac{1}{2}$ horas da manhã.

As 7 $\frac{1}{2}$ e servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, teem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança do professores e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo teem lugar o *lunch* e as aulas de recreio:— gymnastica, dança, jogos de florete e de pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Lawn tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretaria da Escola Academica, aos 21 de abril de 1901.

Das 3 ás 4 horas, 2.º periodo de aulas, havendo ás 3 horas o intervallo necessario para as mudanças dos professores e descanso dos alumnos.

As 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremesa, conforme a *tabella das refeições que corre impressa*.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terraços, jogos ou salas de recreação, estando ali os alumnos divididos em 5 secções, conforme as suas idades 1.

As 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrução primaria, cujo trabalho termina ás 8 $\frac{1}{2}$ da noite.

As quartas e sabbados, das 8 $\frac{1}{2}$ ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capellão da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christã.

As 9 horas, ceia, que consta de leite e pão.

Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.

Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 $\frac{1}{2}$. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capellão.

As 11 horas ouvem uma pequena proleção sobre assumpto de hygiene, feita pelo Director.

¹ Durante este periodo teem lugar os estudos da *lanferra* e da *tona*, dirigidos pelos respectivos prof. sorem, e as aulas especiaes de musica.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS

Novo Hotel do Guarujá

EMPRESA

MANUEL D'HUICQUE

ILHA DE SANTO AMARO

SANTOS (BRASIL)



GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

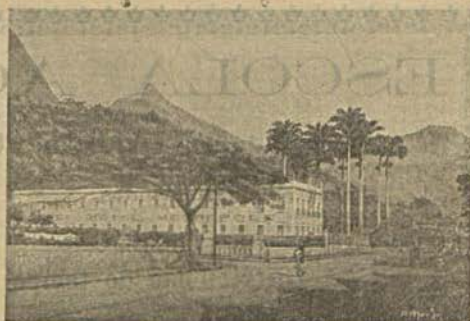
O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 3 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



CESAR A. PAIVA
CIBERNAL DENTISTA

SOAS MAGESTADES E ALTEZAS
1 de Hospital de S. Juli e Istituto
CONSULTORIO
R. do Arsenal, 100, 1.
LISBOA

ARVORE DE NATAL

FOR

Zuzarte de Mendonça

Para as CRENÇAS

200 réis

Livraria Central — Rua da Praia

FONSECAS, SANTOS & VIANNA BANQUEIROS

R. d'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120

← LISBOA →

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna
e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, acções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão

ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Fanqueiros, 101, 1.º

JAYME PIRES & COM.ª

Fazendas nacionaes e estrangeiras.
Confeccões para homens, senhoras e creanças. Fardamentos militares e todos os uniformes.

Preços reunidos

Fatos completos pretos, azues e em cores, de

65000 a 205000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

15000 a 25000

Escabido sortimento em sobretudos,

Dobles-capas e varios d'Alvoro.

Capas á hespanhola, fabricos especial da nossa casa, de

15000 a 25000

Companhia Trasatlantica de Barcel-na



LINHA DE FILIPINAS

Salidas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e passageiros para Port-Said, Adem, Colombo, Batavia, Bombaim, Busdure, Calcutta, K'ogo, Hong-Kong, Kurr'chea, Manilla, Saigou, Shanghai, Sidney, Singapore, Suez, Iokohama e outros portos de Asia e Oceania. — Passajeiros para Macau.

Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool para Lisboa.

Passajeiros para Cadiz, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com transbordos em Cadiz para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto Rico), Veracruz, New-York, Montevideo e Bueos Ayrs.

Para carga e passajens trata-se com

Os agentes,

Henry Burnay & C.ª

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 10, 1.º

Almanach Illustrado

DO

BRASIL-PORTUGAL

para 1903

PAPEL E LUXO-200 GRAVURAS

Está á venda em todas as livrarias do costume

BANCO

Nacional Ultramarino

Instituição anónima de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa

Rua Nova d'El-Rei, 73

Succursaes em Moçambique e Loanda Agencia em S. Vicente e S. Thiago de Cabo Verde, Benguelia, Mossamedes, S. Thomé, Lourenço Marques e nas principaes terras do norte.

Bilhares de precisão

COM A

Celebre tabella americana

MONARCH

PANNOS, TACOS, BOLAS
e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade

Cartas, Tentos e Fizas

Para todos os jogos

Vista de José Alexandre de Senna

25 — Rua Nova do Almada — 30

(Casa fundada em 1846)

LISBOA J. Rom e Catalogo Illustrado



GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

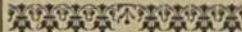
Médico de honra J. Mauperrin Santos
J. Silvestre d'Almeida

Instalação hydrotherapica completa; d'agua salua de a 2000 m para bozema e sanboras, intelligentemente a-par-das e independentes; gabinete s'encovo d'leitos, cidade e massagem. Massage e gymnastica medica, dirigidos por C. de Sousa. Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Horario das 8 de manhã e das 3 de tarde.

ENTRADA: CALVADA DO ROQUE, 80

CALLEADA DA GLORIA, 15 LISBOA



Artigos de menage

JOÃO CARDOSO

62, Rua do Carmo, 64

Armazem de Noivadas

TALHERES

Cafeteiras, mantelgibeiras, galhetos, etc.

Crystaes de moza

Copos, garrafas, jarros em serviços completos e avulsos.

LOUÇAS

Serviços de jantar

Serviços de almoço

Padrões e moldes absolutamente modernos de porcellana e faiança inglesa.

Artigos de 1.º ordem

FABRICA S. LOURENÇO

LADEIRÃO FARIA Nº 2
 E CASCADURA
 DEPOSITO CENTRAL
 RUA DOS OURIVES
 Nº 134
 CASA MATRIZ
 RIO DE JANEIRO
 C. SUCURSAES
 CARA. SOBRÁ
 IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
LOPES, SA & CIA
 FABRICA DE PHOSPHOROS AURORA

GRANDE EMPORIO
 FUMOS CHARUTOS CIGARRROS.
 E TODOS OS ACCESORIOS DESTA
 ESPECIE DE COMMERCIO.

FABRICA DE GRAVATAS
 PINTO, MONTEIRO & CIA

SALA DE CORTES PACHADAS ENCAIXOTAMENTO
 OFFICINA

Exportadores
Para todos os Estados
do Brasil

Officina montada
com todos os aparelhos
e ferramentas
modernas.

AGENCIA
EM
TODOS OS ESTADOS

TO EGRAVATAS
PINTO
CAIXA DO CORREIO-491

101, RUA DO HOSPICIO, 101
RIO DE JANEIRO

Endereço telegraphico LION LION & C^a CAIXA DO CORREIO
S. PAULO Nº 44

S. PAULO, SANTOS E HAMBURGO
BRASIL E ALLEMANHA
ESCRITORIO: R. do Commercio, 3

CIMENTO PORTLAND

QUALIDADE

SUPERIOR



RESISTENCIA

GARANTIDA

Usado com optimos resultados por empresas particulares e Obras Publicas da Europa, dos Estados Unidos da America do Norte e do Brasil. Approvado pela Repartição de Aguas e Esgotos de S Paulo-Brasil.

IMPORTADORES e DEPOSITARIOS

LION & C^a
S. PAULO E SANTOS
Brasil.

C. P. VIANNA & C.^a

Successores da antiga casa de J. P. de Castro & C.^a

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

AGUAS MILAGROSAS
de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.º 81.

Endereço teleg.: — «VANINA».

Código teleg.: — RIBGIRO.

R. do Commercio, n.º 11 e 13.

S. PAULO (Brasil).



Do Boticão Universal



Primeiro Depósito
de Artigos Dentarios

Na Capital do Estado de S. Paulo

Januario Loureiro

Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO



FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao óleo de fígado de bacalhão,
Superior às emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notáveis medicos eminentes especialistas.

Ensaado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 reis; caixa de 6 frascos, 34300 reis; caixa de 12 frascos, 64200 reis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone. 309

31. PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as Imitações e fraudes

▲ venda em todas as boas pharmacias e drogerias do país

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

DANIEL MONTEIRO D'ABREU

Agente dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

DO

PORTO

SAQUES:

Sobre 300 agencias em Portugal e Ilhas

- » 800 » » Hespanha
- » 3.600 » » Italia e Syria
- » **Londres e Paris**

Por conta dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

As letras entregam-se imediatamente

Rua 15 de Novembro, n.º 7.

(No edificio do Consulado de Portugal.)

S. PAULO (BRASIL)

PERFUMARIA**L. Quarré**

Fama conquistada pela perfeição

**DOS
PRODUCTOS**

Preços de alguns productos:

Esmaltino, pó dentifricio, caixa.....	12000
Pó de arroz, caixinha.....	32000
Dito, dito, pacote.....	12500
Loções, frasco.....	32000
Amykos, elixir dentifricio, frasco.....	12000
Agua de quima, frasco.....	22500
Pó de sabão para barba, frasco.....	12500
Agua de Melissa, frasco.....	2800
Pasta dentifricia, boceta.....	12500
Brihantina concreta, póte.....	22000
Dita liquida, frasco.....	72000
Oleo perfumado, frasco.....	22000 e 22500
Extractos para lenço, frasco.....	32000 e 32500
Agua de Colonia, frasco.....	42000 e 62500

LICORES SUPERFINOS

DELICIOSAMENTE PERFUMADOS

MEIO LITRO 3\$000

DEPOSITO: Rua Gonçalves Dias, 40

Rio de Janeiro

Chocolate**O MELHOR**

que se encontra no

BRASIL

é o de marca

ANDALUZA**J. L. Martins**

19, Rua dos Andradas, 19

RIO DE JANEIRO**Fabrica Confiança de Gravatas****VENDAS POR ATACADO**

Endereço telegraphico — GRAVATAS

**J. AZEVEDO & C.^A**

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

RIO DE JANEIRO**FABRICA DE LADRILHOS HYDRAULICOS**

E

Officina de Marmorista**MARMORE**

EM

BRUTO, em TABUAS
e BLOCOS**CIMENTO**

Ladrilhos de ceramica

AZULEJOSFORNECEDOR das mais grandiosas obras do Rio de Janeiro,
tanto em marmore como em ladrilhos

Endereço telegraphico: BARBOSA-RIO

Antonio Alves Barbosa

R. DA AJUDA, 37 E 26

RIO DE JANEIRO

Grande HOTEL TORRES CARNEIRO



Joalheiro



O mais conceituado e respeitavel para familias

No centro da cidade

Accomodações de luxo.

Ar, luz e conforto.

Bonds á porta—Preços sem competencia

PROPRIETARIO
CARLOS SCHORCHT

R. de S. Bento, 49. S. PAULO (Brasil).

Rua dos Ourives, 74-A
RIO DE JANEIRO

PIANOS DE PLEYEL

Unico depositario dos pianos de JULIUS BLUTHNER



Unico depositario dos pianos de JULIUS BLUTHNER

GAVEAU, BORD, SCHIEDMAYER, FRIED-BUSCHMANN e de outros autores

Todo e qualquer artigo para reconstrução de pianos—Vendas por preços modicos e garantidos

No conhecido estabelecimento de pianos e musicas. Officinas para reconstrução de pianos, harmoniums e impressão de musicas.—Encaixotamento especial para os mesmos instrumentos.

ANTIGA CASA

BUSCHMANN & GUIMARÃES

MANUEL ANTONIO GUIMARÃES

Successores de Buschmann Guimarães & Irmão

Telephone n.º 449

50—Rua dos Ourives—50

RIO DE JANEIRO



LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 réis

115.000.000.000

De emissão por data 244.444.1379

100.000.000.000

Reserva em caixa, incluindo

de que se trata

Equateur Atlantic & Union Maritima

Compagnie Transoceanique de Navigation

• Titulo de 100.000.000.000

Direccao—Lima, Merg & Fillos

LISBOA—Rua da Prata, 59, 2.º



DROGARIA

E

Perfumaria

DE

J. AMARANTE & C.ª

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas
nacionais e estrangeiras

Accessorios para pharmacias, vasilhames, etc.

Agua mineral natural de todas as procedencias.

Deposito permanente de todos os preparados
nacionais de *Silva Araujo, Werneck, Orlando
Rangel, Granado e Freire de Aguiar.*

Completo sortimento de perfumarias dos
materiais afamados fabricantes francezes, inglezes e
norte-americanos.

Rua Direita, 11.

S. PAULO (Brasil).

Caixa postal, 149.

Formicida SCHOMAKER

NOVO INVENTO PRIVILEGIADO

Infallivel na destruicão completa dos formigueiros pela produçãõ continua de gases apòs sua applicaçãõ.

O Formicida Schomaker não é sulfureto de carbono, como são todas as marcas de formicidas até hoje conhecidas. É um novo invento de fórmula inteiramente diversa e de effeito infallivel, como provam os attestados já publicados de agricultores competentissimos.

O contheúdo de uma lata de Formicida SCHOMAKER deve ser adicionado a 13 litros d'agua, produzindo assim cerca de 17 litros do poderoso formicida.

Logo que a lata seja aberta deve IMMEDIATAMENTE ser despejada n'uma vasilha que contenha cerca de 13 litros d'agua, e ser constantemente agitado todo o liquido com uma varinha de madeira, afim de ficar bem misturado.

Tendo-se de extinguir mais de um formigueiro, torna-se necessaria a agitacão constante de todo o formicida á proporçãõ que se fôr usando, para serem aproveitadas as substancias chimicas que possui.

O Formicida SCHOMAKER é o unico que, apòs sua applicaçãõ, trabalha por si, produzindo gases toxicos em extraordinaria abundancia, muito pesados e de grande densidade, em produçãõ continua e prolongada por mais de 60 dias, sendo natural e espontanea a dita produçãõ de gases, isto é, sem provocacão artificial.

O Formicida SCHOMAKER vem substituir os antigos foles e as diversas machinas e prestar real serviço á lavoura, por destruir completamente os formigueiros onde fôr applicado de accordo com o modo de usar que se recommenda.

O Formicida SCHOMAKER é tambem magnifico adubo para as terras, por conter phosphoro, sendo o unico formicida que pôde ser manipulado com essa substancia, por ser privativa do seu privilegio.

Para evitar falsificacões, previne-se que a lata de formicida SCHOMAKER minutos depois de vazia começa a desprender fumaça, que são gases de que a mesma ficou impregnada.

O Formicida SCHOMAKER

Está á venda em todos os Estados da Republica

Unicos depositarios

THEDIN, RODRIGUES & C.ª

R. General Camara, 11

RIO DE JANEIRO

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Cimento Portland



Qualidade superior garantida.
O MAIS ECONOMICO DE TODOS OS CIMENTOS
UNICOS IMPORTADORES:

Antonio Miguel & Comp.

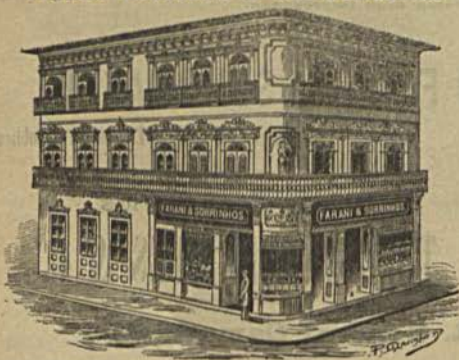
RUA DIREITA, 46--S. PAULO (Brazil)

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 5 1/2 % de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2 % e comissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: aceitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 1/2 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 % a 6 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que se olve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

FARANI SOBRINHO & C.º—Joaalheiros



Rua do Cuçúcar, 86-A — Rua dos Ourives, 68 — RIO DE JANEIRO

VEIGA & C.ª

104, Rua do Rosario, 104

CAFÉ E COMMISSÕES

Sacam sobre o BANCO ALLIANÇA do Porto
e seus correspondentes e agentes
em Portugal, ilhas, Hespanha, Italia, Paris e Londres
e concedem cartas de creditos

ESCRITORIO

104, Rua do Rosario, 104

TELEGRAMMAS—VEIGA

Rio de Janeiro

ANGELINO SIMÕES & C.

Generos alimenticios de primeira qualidade

De conta propria

Commissões e consignações

Importação e transações directas com as principaes praças
do Brazil e da Europa

Vastos armazens nos novos predios recentemente expressamente edificadoss
para este ramo de negocio em larga escala



Rua do Mercado, n.º 31

Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da bapafdos Mercadores, n.º 6 e 8



RIO DE JANEIRO

Ender. telegraf. ANGELINO

Caixa postal 1054

AGENCIA FINANCIAL

DE PORTUGAL

Rua General Camara RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

SAQUES SOBRE PORTUGAL

pagaveis pelo Banco DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THE-SOURO PORTUGUEZ) em todas as capitaes de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O Agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS

Aux Dames Élégentes

GRANDES ATÉLIERS

DE

COSTURA E CHAPEUS



Especialidade em toilettes para baile, theatro e passeio
Enxovacs para casamentos

Sempre grandioso sortimento em capas, paletots e outros abafos
de novidade

FIGUEIREDO & SILVA

I. RUA DO THEATRO, I

RIO DE JANEIRO



A BRASILEIRA GASPAR PACHECO & C.^a



PREÇOS SEM COMPETENCIA — IMPORTAÇÃO DIRECTA

Exposições permanentes. Recebem-se novidades por todos os paquetes. Grande estabelecimento de fazenda. Modas, novidades e armário. Esta casa tem sempre os mais modernos tecidos em todos os generos.

Largo de S. Francisco de Paula, 524
Ponto de BONDS de S. Christovam

RIO DE JANEIRO

ARMAZEM

DO

PARC ROYAL

M. NUNES & C.^a

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Preços fixos sem competencia

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 14

RIO DE JANEIRO

PSYCHOLOGIA DO CHAPEÓ

«O estylo é o homem! — Dizia Buffon, um Sabio de tom... Está provado, hoje em dia, Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno laqueo: Pois sabe hoje todo o mundo Que o homem... é o chapéu!»

Acreditem! Não respinguem! E' a Sciencia que o diz: Pelos chapéus se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito Com um chapéu de forma vil, Amarrado e mal feito, Diz-se logo: «Que imbecil!»

Mas quando alguém apparece Trazendo no cranéo, ao sol, Um chapéu que resplandece, Que brilha como um pharol,

Um chapéu limpo, correcto, Que attrahe e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua forma sem par,

— Admirando o cavalheiro, Diz a gente: Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céu Com vôo do Pensamento? Queres ter um bom chapéu?

A Sciencia não vos engana... Tereis um chapéu ideal, Comprando-o na Americana Do Carvalho Portugal!

CHAPELARIA AMERICANA

133, R. DO OUVIDOR, 133

— RIO DE JANEIRO —

CHAPELARIA

DE

Jacintho Ribeiro dos Santos

- LAFAYETTE. — Direito Intencional, 1.º vol., 30000; Direito da Casa, 1.º vol. enc. 30000; Direitos de Família, 1.º vol. enc., 20000 réis;
 ITAGYBA. — Posse Manutenção de Direitos, 1.º vol. broch., 10000, enc., 12000;
 BENTO DE FARIA. — Das Fallencias (Lei n.º 855 de 16 de Agosto de 1903) annotada de acordo com a doutrina, a legislação e a Jurisprudencia, 1.º vol. broch., 7000, enc., 10000;
 Nullidades em Materia Criminal, 1.º vol. broch., 10000, enc., 12000 réis;
 CANDIDO DE OLIVEIRA. — Curso de Legislação Comparada (tacam-se publicados no livro JOÃO VIEIRA DE ARAUJO, — Resumo dos Processos Penaes, 1.º vol. enc., 15000; Código Penal Interpretado) 1.º vol. enc., 20000 réis;
 VIVEIROS DE CASTRO. — Direitos de Direito Penal, 1.º vol. enc., 12000 réis;
 PAULA PESSOA. — Código do Processo Criminal, 1.º grosso vol. enc., 30000 réis;
 ROYEL. — Consultas Jurisprudenciaes, 1.º vol. enc., 15000 réis;
 MORAES CARVALHO. — Praxe Forense, 2.ª edição annotada por Levidio Pereira Lopes, 1.º vol. enc., 10000 réis;
 MENZENS. — Pratica de Inventarição, Partilhas e Contas, 1.º vol. enc., 10000 réis;
 T. DE FREITAS JUNIOR. — Assessor Commercial, 2.ª edição, annotada e em accordo com a legislação actual, 1.º vol. enc., 15000 réis;
 SILVA COSTA. — Estudo sobre a Sentença do Juri, 1.º vol. enc., 6000 réis;
 MITTERMAYER. — Tratado da Prova em Materia Criminal, 1.º vol. enc., 10000 réis;
 ALFREDO VARELA. — Direito Constitucional Brasileiro, 1.º vol. enc., 20000 réis;
 LIDIO MARJANO. — Casamento Civil, 1.º vol. enc., 12000 réis;
 ALBERTO DE CARVALHO. — Casas Cerebraes Brasileiras, 1.º vol. enc., 10000 réis;
 JOÃO FERREIRO. — Historia do Brasil (curso superior) 1.º vol. cart., 4000; Historia do Brasil (primaria) 1.º vol. cart., 1000; Estudos Philologicos, 1.º vol. broch., 2000; Versos, 1.º vol. broch., 2000;
 A. HERCULANO. — Lendas e Narrativas, 1.º vol. broch., 3000, enc., 5000 réis;
 GARRETT. — Lendas, 1.º vol. enc., 4000, broch., 2000 réis;
 CAMILLO C. BRANCO. — Amor de Partição, 1.º vol. broch., 2000; Correspondencia com Vieira de Castro, 1.º vol. broch., 4000 réis;
 TEIXEIRA E SOUSA. — Fatalidade de 2 Jovens, 1.º vol. broch., 2000 réis;
 DUMAS FILHO. — Irama das Camellas, 1.º vol. broch., 2000 réis;
 ANAÉL PESTOVOST. — Historia de Manoel Lezant, 1.º vol. broch., 2000 réis;
 RODRIGUES. — Rosa do Adeu, 1.º vol. broch., 2000 réis;
 DUMAS. — Coda de Monte Christo, 4.º vol. broch., 6000 réis;
 ALMEIDA. — Erinias, 1.º vol. broch., 2000 réis;
 CAPENDU. — Karikóh, 3.º vol. broch., 2000 réis;
 ROCHA. — Angusto e Olympia, 1.º vol. broch., 2000 réis;
 FIGUEIREDO PIMENTEL. — O Terror dos Martires, 1.º vol. broch., 2000;
 GUERRA JUNQUEIRO. — Maria de D. João, 1.º vol. broch., 2000 réis;
 JULIO DINZ. — Novellas da Tia Philomena, 1.º vol. broch., 2000 réis; Apprehensões de uma Mãe, 1.º vol. broch., 2000 réis;
 H. SCIENKESSEZ. — Que Vada, 1.º vol. broch., 2000; Os Cavalheiros da Cruz, 1.º vol. broch., 2000; Sigamolo, 1.º vol., 500 réis;
 THOMÉ DAS CHAGAS. — Novos Contos da Carochinha, 1.º vol. cart., 2000 réis;
 FERREIRA. — Confeitaria Nacional, 1.º vol. com gravura, 2000; O Rei dos Combates, 1.º vol. cart., 2000.

61, Rua Gonçalves Dias e S. José, 76

RIO DE JANEIRO



VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições
DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolfhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

FABRICA

DE

TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C.^a

Escritorio Central;

S. PAULO — Rua S. Bento, 45

CAIXA POSTAL 96.

Endereço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação

BRINS e RISCADOS

Adresse telegraphico AZOUGUE
Codigo — Ribeiro

Caixa de Correo N.º 36
Telephone — 389

MERCURIO

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Auctorizada a funcionar por carta patente n.º 2



Capital Réis 2.000:000\$000

Deposito no Thesouro Federal Réis 200:000\$000

Incorporada pela ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO

DO

RIO DE JANEIRO

CASA DOUX

DE

BÉNAC, TEIXEIRA & C.^a

(Successores de A. DOUX, e de DOUX & FERREIRA)

ARMADORES E ESTOFADORES

O maior sortimento de moveis e tapeçarias

Incumbem-se de instalações de aposentos

RUA DO OUVIDOR, 60

Ender. leleg. — BÉNAC

Telephone n.º 729

RIO DE JANEIRO

ARTHUR DE CARVALHO & C.^a

Casa especial

DE OLEOS

IMPORTADORES DE KEROZENE

Rua do Rosario, 38

RIO DE JANEIRO

ARAUJO, VEIGA & C.^A

(Antigo Barros Araujo)

Amarinho, Modas e Perfumarias

Grande variedade de artigos de Amarelinhos e Modas, loyvas, luras, perfumarias, e de São d'Escosia. Artigos para photo-miniatura, e completo sortimento de artigos para bondar.



Recebem-se por todos os vapores novidades e artigos vendendo a preços sem competencia.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Rua do Ouvidor, 84

RIO DE JANEIRO

AO GANHA POUCO

86, RUA DO OUVIDOR, 86—RIO DE JANEIRO

FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Tem sempre grande variedade em tecidos da mais ALTA NOVIDADE, immenso sortimento de roupas brancas para homens e senhoras

Enorme quantidade de roupa de cama e meza

Preços extraordinariamente reduzidos

VENDAS A DINHEIRO

Divisa d'esta casa: vender muito e ganhar pouco

M. FONSECA

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Importação directa

Preços rasoaveis

Pantação e Encadernação

Sellos, Guimarães & C.^a

Objectos para escriptorio e desenho

Livros para Escripuração

22—Rua do General Camara—22

RIO DE JANEIRO

MARTINS, VIANNA, VAZ & C.

CONCESSIONARIOS DE

F. F. VAZ & C.^a e VIANNA, CASTRO & C.^a

Fabrica de marmelada

Fructas em conserva

Assucar em grosso e refinado — Confeitaria

— Molhados — Velas —

Sabão — Kerozene — Oleos, etc.

Telegramma VAZ

Caixa postal — 484

154, Rua de S. Pedro, 155

67, Rua Andradas, 67

RIO DE JANEIRO

Os mais puros e genuinos vinhos do mundo

DA

ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

Ferreirinha

do PORTO e REGOA

(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815

(reserva especial)

Recomendados pelos Srs. medicos para os anemicos, dyspepticos, doentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesuvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Nogueiras e Cosmopolita

A' venda em todas as Confeitarias, Hoteis, Botequins, Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.^o DE MARÇO, N.^o 17 — RIO DE JANEIRO

FONSECA & SA

SAQUES sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia, Paris e Londres